

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A relação entre a Escola e a Família dos alunos deslocados: um estudo de caso no ensino artístico

Deolinda Carla Hossi

Mestrado em Administração Escolar

Orientadora:

Doutora Sandra Cristina Mateus Gomes, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

A relação entre a Escola e a Família dos alunos deslocados: um estudo de caso no ensino artístico

Deolinda Carla Hossi

Mestrado em Administração Escolar

Orientadora:

Doutora Sandra Cristina Mateus Gomes, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Dedico este trabalho a todos os estudantes casados e trabalhadores

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar ao bem supremo, que me concedeu vida, saúde e sabedoria para poder chegar até onde cheguei...

Agradeço de um modo muito especial e carinhoso, à minha estimada e querida orientadora Doutora Sandra Cristina Mateus Gomes, pela dedicação, paciência e disponibilidade com que orientou este trabalho.

Agradeço à nossa querida coordenadora do curso da Administração escolar a Doutora Susana da Cruz Martins pela força que me deu para seguir em frente e pela ajuda na escolha da minha orientadora.

Agradeço ao José Velez Baginha e a Isabel Luís pela dedicação ao fazerem a verificação ortográfica e a sintática do texto.

Agradeço de coração à Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional, na pessoa do seu diretor, professor Paulo Ferreira, por me permitir e facilitar a recolha e obtenção de dados.

Um agradecimento muito especialmente ao Dom Joaquim Nhanganga Tyombe por me ter ajudado a entrar no mundo académico em Portugal.

Agradeço ao Padre Miguel Ndunde por me ter aconselhado a fazer o curso de Administração Escolar e ao Padre Faustino Tchitetele por me impulsionar a candidatar-me no ISCTE.

Agradeço à minha Congregação na pessoa da Madre Geral, irmã Auxiliadora Gamero Guerreiro, por me conceder a oportunidade de poder aprofundar nos meus estudos académicos.

Agradeço também à minha comunidade de Lisboa, que muito me apoiou para que pudesse seguir em frente e por ter suportado as minhas ausências e cansaços.

Agradeço a toda minha família, por tudo o quanto fizeram para que hoje eu pudesse terminar os meus estudos.

Agradeço de coração a todas as minhas amigas, amigos e colegas que direta ou indiretamente deram-me forças para seguir em frente.

Resumo

O presente trabalho debruça-se sobre a relação entre a escola e a família dos alunos deslocados no ensino artístico. Tem como objetivo conhecer os processos, estratégias e instrumentos que são utilizados na relação escola-família dos alunos deslocados do ensino artístico.

Para a realização desta investigação tivemos como campo de estudo a Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional. E para alcançarmos o nosso objetivo, utilizámos o método qualitativo, com a ajuda da pesquisa bibliográfica, das técnicas de análise documental, entrevista semiestruturada e a análise de conteúdo.

Os resultados obtidos levaram-nos a concluir que a relação escola-família em geral é positiva, sobretudo quando a escola proporciona a abertura para este fim. No caso das famílias dos alunos deslocados, apesar do fator distância ser uma condicionante para uma participação ativa da parte das famílias, a escola mostrou tentar proporcionar todos os instrumentos possíveis de comunicação, para continuar a manter esta relação.

Palavras-chaves: Educação, Relação escola-família, Alunos deslocados, Ensino artístico, Estratégias.

Abstract

The present work focuses on the relationship between school and family of displaced students in art education. The field of study was the Artistic School of Dance of the National Conservatory. Its general objective was to know the processes, strategies and instruments that are used in the relationship between the school and the family of displaced students in artistic education.

To carry out this research we used the qualitative method and to achieve our objective, we used bibliographic research, document analysis techniques, semi-structured interviews and content analysis.

The results obtained led us to conclude that the school-family relationship in general is positive, especially when the school facilitates this process.

In the case of the families of displaced students, despite the distance factor being a constraint to active participation by families, the school has shown that it tries to provide all possible instruments of communication to continue to maintain this relationship.

Keywords: Education, Relationship between school and family, Displaced students, Art education, Strategies.

Índice

Agradecimentos.....	v
Resumo	vi
Abstract.....	viii
Índice	x
Índice de quadros	xii
Introdução.....	1
Capítulo 1. Enquadramento da Pesquisa	3
1.1 O conceito de família.....	3
1.2 Relação escola-família.....	4
1.3 Modelos de relação escola-família.....	6
1.4 Relação escola-família na legislação portuguesa	7
1.4.1 Lei de Bases do Sistema Educativo Português.....	8
1.4.2 Novos avanços na relação escola-família	9
1.5 Importância da relação entre a escola e a família.	9
1.5.1 Desafios da relação entre a escola e a família.....	10
1.6 Ensino artístico em Portugal	11
1.6.1 Ensino artístico especializado.....	11
1.6.2 Tipos de ensino e níveis de formação no ensino artístico especializado.	12
1.6.3 Alunos deslocados do ensino artístico	13
Capítulo 2. Estudo Empírico - Metodologia.....	15
2.1 Problema em estudo	15
2.2 Objetivos específicos.....	16
2.3 Metodologia	16
2.4 Descrição do estudo	18
2.5 Caracterização da Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional	20
Capítulo 3. Apresentação e análise dos resultados	23
3.1 Processos e modelos de acolhimento dos alunos deslocados.....	24

3.2	Necessidades dos alunos deslocados e suas famílias.....	25
3.3	Modelos de relação escola-família.....	28
3.4	Parcerias e meios institucionais de alojamento.....	29
3.5	A participação dos pais na EADCN	31
	Conclusão	35
	Fontes de legislação consultadas.....	38
	Fontes web consultadas.....	38
	Referências bibliográficas	39
	Anexos	43
	Anexo A- Carta de pedido para a realização de pesquisa na EADCN	43
	Anexo B – Guião de Entrevista aos pais dos alunos deslocados da EACDN.....	44
	Anexo C - Guião de Entrevista aos diretores de turma	46
	Anexo D - Guião de Entrevista ao Diretor da EADCN	48

Índice de quadros

Quadro 1 - Alunos. Ano letivo 2021/2022.....	21
Quadro 2 - Corpo docente Ano letivo 2021/2022.....	21
Quadro 3 - Corpo não docente Ano letivo 2021/2022.....	21
Quadro 4 - Perfil dos progenitores entrevistados no ano letivo de 2021/2022	24
Quadro 5 - Perfil dos agentes escolares entrevistados no ano letivo 2021/2022	24

Introdução

O presente trabalho é fruto de uma inquietação que parte da minha experiência missionária. Há quase uma década que vivo com alunos deslocados e estrangeiros que frequentam a Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional (doravante denominada EADCN). São crianças, adolescentes e jovens que chegam a Lisboa para se especializarem em dança. A convivência com estes alunos levou-me a refletir sobre as necessidades e os desafios que enfrentam em vista a alcançarem o objetivo de serem bailarinos e como tem sido a relação da escola com as famílias destes alunos. Esta foi a razão pela qual nos propusemos a ponderar a relação escola-família, em si já melindrosa e difícil em muitos casos.

A relação escola -família é um tema recente cuja discussão se fez sentir no final do século XVIII, onde foi debatida a supremacia de uma instituição relativamente à outra (Seabra, 2017:164).

O sistema da participação parental nas escolas do ocidente começou a desenvolver-se a partir do Pós - II Guerra Mundial, mais concretamente a partir dos anos 60. Em Portugal, começou mais tarde, isto é, nos anos 70 (Beattie, 1985, como citado em Silva, 2003:159).

Sendo um tema recente, existem, todavia, muitas questões em aberto a cerca da relação escola -família. Tal é assim que tendo em conta a existência de alunos deslocados na EADCN, decidimos estudar a seguinte questão: que processos, estratégias e instrumentos são utilizados na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados do ensino artístico? É possível perceber que é uma relação delicada, tanto para a escola que se vê obrigada a elaborar estratégias para poder lidar com a distância dos pais dos alunos que vivem deslocados, como para as famílias que se encontram distantes.

Este trabalho tem como objetivo conhecer os processos, estratégias e instrumentos que são utilizados na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados do ensino artístico. Com este estudo pretendemos saber se as estratégias que a escola utiliza ajudam a contribuir para a melhoria da sua relação com as famílias dos alunos deslocados e o aumento do sucesso escolar dos alunos.

Para alcançarmos o nosso objetivo, utilizaremos o método qualitativo, com o auxílio das técnicas de análise documental, entrevista semiestruturada e a técnica de análise de conteúdo.

A temática da relação escola-família continua a ser muito importante e atual, uma vez que tanto as famílias como as escolas vão descobrindo a importância de trabalharem em colaboração. Tendo em conta que a relação escola-família é fundamental para ambas instituições e sobretudo para o sucesso escolar dos alunos.

O tema em estudo como já referimos surge da convivência com os alunos deslocados e estrangeiros da EADCN. Isto leva-nos a um contacto direto, tanto com a família como com a escola, o que nos permite ter uma visão dos esforços que ambas as instituições têm feito para manterem uma relação de proximidade, apesar das dificuldades da distância e do escasso encontro presencial. Quanto

aos alunos deslocados, não tem sido uma tarefa fácil o viver distante do seio familiar e das suas residências, realidade esta que os leva a passar por diversas necessidades e grandes desafios, de modo que alguns não conseguem seguir em frente e desistem desta escola de dança, optando por regressar a casa. A relação escola-família apresenta-se complexa e ao acrescentarmos a relação escola-família dos alunos deslocados, torna-se ainda mais complexa, pelo facto de os alunos estarem longe das suas famílias, por não terem um acompanhamento mais individual e um apoio psicológico e emocional da família. Tal é assim que, tanto a família como a escola, terão de encontrar meios e estratégias para lidarem com esta situação a fim de ajudarem o desenvolvimento e o processo escolar dos alunos.

Para uma melhor organização dividimos o presente trabalho em 3 capítulos. No primeiro capítulo, centramo-nos no enquadramento teórico, nos temas: conceito de família, relação escola-família, modelos de relação escola-família, relação escola-família na legislação portuguesa, importância da relação entre a escola e a família e dos alunos deslocados no ensino artístico em Portugal. O segundo capítulo é dedicado à parte empírica. Tratamos do problema, objetivos, método e técnicas de recolha de dados, do procedimento da investigação e da caracterização da escola onde decorreu a investigação. No terceiro capítulo faz-se a apresentação e análise dos resultados obtidos da investigação empírica. Por último, apresentaremos a conclusão, bem como algumas questões para futuras investigações.

Capítulo 1. Enquadramento da Pesquisa

1.1 O conceito de família

Para compreendermos o conceito “família” é necessário perceber primeiro a sua etimologia. Para Leandro (2001), etimologicamente, a noção de família tem origem no vocábulo latino ‘*famulus*’, que significa servidor. Só a partir do século XVII, é que encontramos um sentido aproximado a definição moderna que atualmente a conhecemos. A família, dada a sua grande diversidade de estruturas, formas, organizações e representações, com o passar do tempo, adquiriu um conceito polissémico. Tal como afirma Kellerhals (1987, como citado em Diogo 1998:72), a sociologia da família introduziu novos conceitos e novas leituras da realidade. Tendo em conta as transformações demográficas e culturais que se desenvolveram em Portugal nos finais dos anos 60, a família passa a ser vista de forma diferente, através da diversidade de trajetórias sociais familiares, da conflitualidade, do poder, da violência e colocando em causa a visão funcionalista dos papéis familiares.

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea (2001: 1688), a palavra família vem do latim, e significa conjunto de pessoas ligadas por laços de consanguinidade, que vivem na mesma casa, especialmente o casal e os filhos. Por sua vez, autores como Dias (2000), e Sousa & Sarmento (2010), definem a família como sendo um grupo social, habitualmente unidos por laço de sangue ou por outro tipo de relações interpessoais, que coabitam debaixo do mesmo teto e por meio do qual o indivíduo aprende a dar os primeiros passos de socialização e de interação com os outros indivíduos. Tal é assim que face a diversidade de conceito de família, Roussel diz: “(...) não se fala de família a não ser no plural” (Roussel, 1992, como citado em Diogo 1998: 72).

Por conseguinte, Sousa e Sarmento (2010) & Maluf (2010), falam de diversas tipologias de família tais como: família natural, família nuclear, família substituta, família monoparental, família de adoção, família recomposta, uniões de facto ou de família homossexual.

Autores como Leandro (2001), Ballenato (2009) & Montadon e Perrenoud (2001), dizem que as transformações porque tem passado a família decorrem de fatores económicos, sociais, políticos, da organização do trabalho, do emprego, da cultura, da religião das mentalidades, da progressiva integração da mulher no mundo do trabalho, do aumento da taxa de divórcios, do processo de urbanização, dos estilos de vida consumistas, da diminuição da taxa de natalidade, da difusão das novas tecnologias de informação, do aumento do fenómeno da imigração e da valorização do lugar da criança.

1.2 Relação escola-família

A relação escola-família é um tema recente. “A sua discussão se fez sentir no final do século XVIII, onde foi debatida a supremacia de uma instituição relativamente à outra. Ora, enquanto para alguns, o papel educativo das famílias devia ser restringido ao máximo possível, por ser um contexto onde a educação não passa das tradições familiares (...), outros entendiam que o papel de ambas devia ser claramente distinto e que o sistema público não podia afetar os direitos dos pais, uma vez que a defesa destes direitos são um dos argumentos utilizados para restringir a educação pública à instrução” (Seabra, 2017:154)

Nesta época, Montadon e Perrenoud (2001) & Philippe Ariès (1960), começam a falar da transformação do lugar ocupado pela criança. As famílias aristocratas e burguesas descobrem que a infância necessita do seu desenvolvimento, cuidado e proteção. Nos finais do século XVIII, o estado começa também a se preocupar com a proteção da criança. As instituições, médica e escolar, adquiriram um papel importante, em colaboração com a família. Por sua vez, nas classes populares onde a criança representava para algumas famílias um capital económico porque era um instrumento de trabalho, começa também paulatinamente a tomar-se consciência da importância da infância e dos cuidados que esta deve ter. Tal é assim, que segundo Diogo (2008), a escola começa a adquirir um lugar central na vida de várias famílias.

O sistema da participação parental nas escolas do ocidente, começou a desenvolver-se a partir do Pós - II Guerra Mundial, mais concretamente a partir dos anos 60. Em Portugal, começou mais tarde, isto é, nos anos 70, Beattie (1985, como citado em Silva, 2003:159). Montadon e Perrenoud (2001) dizem que no século XIX e início do século XX, a maioria das famílias não se relacionavam com as escolas públicas, nem tinham meios para o fazê-lo; por outro lado, as autoridades escolares preocupavam-se pouco ou nada com as opiniões das famílias, porque viam nelas pessoas ignorantes que necessitavam de estudos.

Na perspetiva de Silva (2003), para compreendermos a participação parental nas escolas em Portugal, é necessário percebermos primeiro a sua situação política, económica, social e cultural. Na segunda metade do século XX, a sociedade portuguesa começou a viver várias transformações em todos os setores; económico, social, político, cultural, educacional e populacional, de modo que em pouco tempo Portugal avançou de tal maneira que, segundo Barreto (1996, como citado em Silva, 2003:160), “saiu de um imobilismo para se aproximar em vários aspetos de padrões europeus”.

Será nesta sequência do desenvolvimento parental, que Canário (2007), vai dizer que a problemática da relação escola-família é um assunto contemporâneo que só emerge com a transformação da escola elitista numa escola de massas. Estas e outras mudanças levaram a escola a estar aberta a novos públicos, a tornar-se heterogénea. A heterogeneidade vai acarretar grandes

desafios para as escolas e para as famílias. Por isso, não se pode colocar a problemática da relação escola-família desde que a escola foi criada. Na perspectiva de Diogo (2008), em Portugal, o desenvolvimento da escolarização de massas começou mais tarde. Entretanto, a expansão da escolarização coincidiu com as transformações sociais, do sistema de ensino e também com uma crescente importância dada aos diplomas na definição dos destinos profissionais e sociais.

Estas mudanças trouxeram também alterações no nível de escolaridade: se durante os anos 30 a escolaridade obrigatória era de 3 anos, mas tarde passou para 4 anos e em meados dos anos 60 passou para 6 anos. Já em 1986, com a Aprovação da Lei de Base do Sistema Educativo, a escolaridade obrigatória passou de 6 para 9 anos e atualmente vai até o 12º ano (Diogo, 2008:6-7). Nesta linha de pensamento, Seabra, diz que:

“À medida que a escola vai alargando a sua base social de recrutamento e faz permanecer nela, por períodos progressivamente mais longos, as crianças e jovens, intensificam-se as clivagens entre os modelos de socialização das duas instâncias crescendo, concomitantemente, a dificuldade de comunicação entre elas” (Seabra, 2017:165).

Segundo Canário (2007), a heterogeneidade vai permitir que a relação entre a escola e a família possa ser entendida de dois pontos de vistas diferentes, o da família e o da escola. Daí a crescente necessidade de uma relação de proximidade de colaboração e de cooperação entre ambas. Por sua vez, Henrique (2006), vai dizer que há consenso em reconhecer que o envolvimento das famílias e de outros intervenientes na vida escolar dos filhos se reflete positivamente no sucesso das crianças. Porém é inegável que se verifique uma persistência no modo e nas práticas como os docentes se relacionam e interagem. Por isso, a “explicação para o insucesso dos alunos, a existir, deverá ser procurada, não na escola, nem na família, isoladamente, mas na falta de uma relação produtiva de aprendizagem entre ambas” (Villas-Boas, 2009:47-48).

Por conseguinte, Seabra (2017), afirma que as famílias com mais recursos são mais exigentes e esperam muito mais da escola, querem saber tudo sobre a vida escolar dos seus filhos, do que se passa na escola, de participar nas decisões que a mesma toma. Ao contrário das famílias socialmente mais desfavorecidas que têm pouca escolaridade e confiam à escola a instrução dos seus filhos. Estas famílias olham a escola como algo exterior e superior, por isso não sentem necessidade de fazer parte dela e até porque muitas delas compreendem pouco do que os professores pedem aos seus filhos. No entanto, é importante sublinhar que a vivência de uma cultura participativa entre pais/encarregados de educação e professores na escola, depende em grande parte da relação que estes protagonistas desencadeiam e que se tornam determinantes para o eficaz desenvolvimento do aluno.

Porém, Silva (2003), diz que é necessário prestar mais atenção às associações de pais, as quais representam um dos atores sociais que podem assumir um papel central nesta relação; por parte da escola está a figura do diretor de turma que é um elemento-chave na relação entre a escola e família.

Ora, Marques (2002) & Alho e Antunes (2009), dizem que o diretor de turma é o professor que acompanha, apoia e coordena os processos de aprendizagem, de maturação, de orientação e de comunicação entre professores, alunos e pais. É a figura que serve de “ponte” entre a escola e a família. Segundo Montadon e Perrenoud (2001), esta relação não está a funcionar como devia, pois, as associações de pais de alunos encontram ainda algumas resistências do lado da escola que por sua vez também não se abriu a estes na sua totalidade.

1.3 Modelos de relação escola-família

O envolvimento dos pais na vida da escola e dos filhos é bastante importante; a sua eficácia contribui para melhorar a qualidade do ensino e o sucesso dos alunos. Entretanto, nem todas as famílias sabem como envolver-se nas atividades da escola e dos filhos, nem todas as escolas encorajam os pais a fazê-lo e também muitos professores desconhecem as estratégias para promover o envolvimento parental (Semedo, 2006:32).

Tal é assim que autores como Joyce Epstein (1987) e Don Davies (1987) propuseram algumas modalidades de participação dos pais na vida da escola, com a finalidade de aumentar a relação entre a escola e a família.

Joyce Epstein (1987, como citado em Marques, 1999), defende cinco tipos de envolvimento dos pais:

- Ajudar os filhos em casa: Os pais devem proporcionar todas as necessidades básicas aos filhos de modo a facilitar uma boa aprendizagem escolar.
- Comunicar com os pais: A escola deve comunicar com os pais sobre as atividades, o processo escolar do seu educando e as suas dificuldades. Esta comunicação pode ser concretizada por meio de reuniões, chamadas telefónicas ou pelo envio de carta pelo discente.
- Envolver os pais na escola: Implica envolver os pais em atividades organizadas pela escola e nas atividades de aprendizagem que os professores pedem aos alunos para fazerem em casa.
- Envolvimento dos pais em atividades de aprendizagem em casa: Os pais, com a ajuda dos professores, podem ajudar os filhos nas resoluções de certas atividades escolares de modo a darem sequência ao que os filhos aprendem na escola.
- Envolvimento dos pais no governo da escola: Refere-se à tomada de decisões por parte dos pais através dos seus representantes (associação de pais), comités escolares e entre outros.

Don Davies (1987, como citado em Marques, 1999) definiu quatro categorias que a seu modo de perceber podiam contribuir para a melhoria da qualidade da educação e do aproveitamento escolar dos alunos:

- Tomada de decisão: os pais e encarregados de educação têm o direito de participar na tomada de decisão durante a vida escolar dos seus filhos, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino dos mesmos.
- Co-produção: tanto a escola como as famílias devem desenvolver atividades com vista a melhorar o aproveitamento escolar dos alunos.
- Defesa do ponto de vista: refere-se às ações exercidas pela associação de pais com vista a influenciar os pais a participarem mais na escola,
- Escolha da escola pelos pais: essa categoria defende que os pais têm o direito a escolherem a escola dos seus filhos.

1.4 Relação escola-família na legislação portuguesa

A temática da relação escola-família é uma realidade que se faz sentir não só nas escolas e nas famílias, mas também no domínio político e social. Sendo assim, ao tratarmos deste assunto na legislação portuguesa, temos de nos remontar aos anos 60, para conseguirmos perceber o processo que foi feito até ao presente. Porém, limitar-nos-emos a mencionar alguns momentos mais significativos:

Para Silva (2003), ao tratarmos sobre o surgimento da legislação que aponta para a representação formal dos encarregados de educação nos órgãos dos estabelecimentos de ensino ou noutros relacionados com o sistema educativo, não se pode pensar que se dá no vazio. Há registos na legislação de 1968 – aquando da publicação do Estatuto do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário – em que se encontram mencionados as figuras do diretor de turma, do conselho de turma e do conselho de orientação escolar. Na perspetiva de Castro (1995), ao conselho de orientação escolar competia tentar resolver alguns problemas relacionados com a vida familiar dos alunos, como meio de intensificar a relação entre a escola e a família. Por outro lado, cabia ao diretor de turma procurar estratégias que pudessem conduzir a um estreitamento ou aproximação entre a escola e a família.

Por sua vez Barroso (como citado in Lima e Sá 2002), referindo-se aos Liceus, menciona três situações em que se tentou criar leis que regulassem a criação da associação de pais entre os anos de 1917 e 1933. Na mesma linha, Silva (2003), diz que existem registos e testemunhos que referem a tentativa de uma criação de associação de pais nos anos de 60, nas escolas privadas Católicas femininas. Por exemplo: o Colégio de Nossa Senhora do Rosário no Porto e o Colégio do Sagrado Coração de Maria em Lisboa. Portanto, nesta fase, o que se encontra são apenas algumas tentativas de criação de associações de pais.

Após a Revolução do 25 de Abril, segundo Davies et. al. (1989), seguiu-se um momento de muita perturbação e de muitas mudanças em todos os setores da vida portuguesa. Ora, este momento começa a ter uma certa estabilidade a partir de 1976 com a aprovação da nova Constituição da República. Foi nesta altura que se consagra pela primeira vez a necessidade de colaboração/cooperação entre o estado e as famílias portuguesas, tendo como ponto fulcral a educação/ensino dos jovens portugueses, art. 67.

A partir de 1976 a 1985, começam-se a dar avanços significativos no sistema de ensino, sobretudo no que tange a criação das associações de pais. Assim, com a publicação do decreto-Lei 769-A/76 de 23 de outubro, entra em vigor a nova gestão dos estabelecimentos de ensino e a participação dos pais nos concelhos de turma começa a fazer-se sentir, “embora sem direito a voto” (Silva, 2003:140). Com a aprovação da Lei 7/77 de 1 de fevereiro e o Despacho Normativo 122/79, de 1 de junho, começa a ser permitida a criação de associações de pais nas escolas secundárias e se começa a estabelecer as normas sobre o funcionamento e atuação das associações de pais e encarregados de educação dos alunos dos estabelecimentos de ensino preparatório e secundário. O Decreto-Lei nº 315/84 de 28 de setembro, veio normalizar a criação das associações de pais com as instituições da Educação Pré-Escolar e as escolas do 1º ciclo.

1.4.1 Lei de Bases do Sistema Educativo Português

O momento da grande viragem do sistema educativo em Portugal, surgiu em 1986, com a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo Lei n.º 46/86, de 14 de outubro. Esta Lei trata de vários aspetos importantes para a vida da escola, da família e da comunidade em geral, ou seja, veio intensificar ainda mais a relação entre a escola e a família.

Em 1990, através do Despacho Conjunto 60/SERE/SEAM/90 de 14 de setembro, é conferida aos pais a possibilidade de escolha de escola sempre que possível. Com a aprovação do Decreto-Lei 172/91, permite aos pais terem representantes no conselho de Turma, no Conselho Pedagógico e no Conselho da Escola. Em 1992, através do Despacho Normativo 98-A/92, é proposto um novo Sistema de Avaliação dos Alunos do Ensino Básico, por meio do qual os pais passam a estar ainda mais implicados na vida dos filhos e da escola. O Decreto-Lei nº.115 A/98 de 4 de maio, confere o direito da participação dos pais na vida da escola, para uma melhor qualidade do educando. Porém, segundo a Constituição no seu (art. 67) a “família é um elemento fundamental da sociedade”. Tal é assim que é obrigação do estado “cooperar com os pais na educação dos filhos”

Portanto o período que decorre de 1986 a 2000 é considerado de “desenvolvimento e consolidação da participação parental” (Silva, 2003:144). Durante este período surgiram muitos

decretos-leis que proporcionaram a regulação e a consolidação da participação dos pais nas escolas. E deste modo, a relação escola-família torna-se uma realidade.

1.4.2 Novos avanços na relação escola-família

A partir do século XXI, aumentam as necessidades de uma relação mais estreita entre a escola e a família. Assim, com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, retifica-se o regime da autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. Neste é reforçada ainda mais a participação de todos os intervenientes no processo educativo, de entre eles a família e toda as comunidades (art. 3/C).

O despacho nº 5048-B/2013, de 12 de abril, indica também os direitos e deveres das famílias no que se refere a vida escolar dos seus filhos:

- É dever dos pais fazer a matrícula do aluno quando este é menor de idade (artº 4).
- No ato da matrícula os encarregados de educação devem indicar por ordem de preferência até cinco estabelecimento de educação ou de ensino, cuja frequência é pretendida (artº 6).
- Quando os pais escolhem um estabelecimento escolar fora da sua residência, cabe a eles suportarem todos os custos que urgirem incluído a deslocação, salvo se for diferente a prática das autarquias locais envolvidas (art.º 6)

Depois de muitas décadas, já é possível encontrar em várias escolas, associações e federações de pais que servem de ponte entre a família e a escola.

1.5 Importância da relação entre a escola e a família.

A temática da relação escola-família é bastante importante pois, passa pela necessidade de se construir uma relação entre a escola e a família, de planear e estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando tenha uma educação com a qualidade desejável, tanto em casa quanto na escola (Picanço 2012:15).

Sousa e Sarmiento (2010), falam da existência de vários estudos que evidenciam que os bons resultados escolares/sucesso educativo dos alunos, a assiduidade, os comportamentos dos alunos, a existência e a qualidade do envolvimento das famílias na escola, dependem da relação e da colaboração que existe entre a escola e as famílias. Esta relação, na perspetiva de Oliveira (2010), tem sido cada vez mais valorizada na medida em que ambas vão tomando consciência da importância da participação dos pais na vida da escola e do sucesso do aluno. Por sua vez, Marques (2001), diz que o diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar e apela a que este envolvimento dos pais na vida da escola deve favorecer reflexões no campo pedagógico e

psicológico dos seus filhos com a finalidade de ajudar a melhorar de modo efetivo e o seu desempenho escolar.

Assim, na perspetiva de Silva (2009, como citado em Sousa e Sarmento 2010: 149), a relação escola-família é tão importante, que dela, sai reforçada a satisfação profissional dos professores, os pais sentem-se socialmente valorizados e as comunidades são beneficiadas. Na medida em que esta colaboração com a escola pode contribuir para a construção da sua identidade ao implicar uma atitude de comunicação e participação dos vários atores, induz a uma cultura de cidadania e a um aprofundamento democrático. Por sua vez, Sousa (1998), diz que os próprios alunos também sentem-se mais motivados e posicionam-se positivamente em relação à escola e à sua aprendizagem, o que potencia o seu sucesso. Deste modo, segundo Marques:

“olhamos para o envolvimento parental como uma variável importante no processo de melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos (...), embora tenhamos presente os benefícios do envolvimento parental na vida da escola, consideramos que há zonas que devem estar reservadas aos professores e que devem ficar privadas da interferência exterior. Essas zonas incluem todas as decisões que dizem respeito aos modelos pedagógicos, metodologias de ensino e avaliação dos alunos” (Marques 2001:13).

1.5.1 Desafios da relação entre a escola e a família

No pensamento de Lightfoot (1989, como citado em Davies, et. al 1989: 42), para tratarmos da problemática relação escola-família é necessário partirmos do princípio que a escola e a família são duas estruturas diferentes e com funções diferentes. Logo cada uma apresenta diferença no tipo de atividade da vida da criança tanto na qualidade quanto na profundidade da interação pessoal. Alhos e Nunes (2009), consideram que um dos principais desafios da relação entre a escola e família consiste nas visões diferentes que a escola e a família têm das situações e a tentativa dos pais de entrarem em domínios exclusivos dos professores. Por sua vez, Sousa e Sarmento (2010) dizem que alguns professores encaram a participação dos pais como possíveis interferências no seu trabalho, não aceitam os pais como seus parceiros neste processo de formação das crianças, têm uma opinião negativa acerca das competências educativas das famílias, tendem a interpretar a ausência das famílias das atividades escolares como desinteresse pela educação dos educandos.

Da parte dos pais, a literatura apresenta vários desafios que leva a que muitas famílias não consigam manter uma relação mais estreita e frequente com a escola, algo que é bastante preocupante para ambas instituições. Autores como Bento et. al., (2017); Sousa e Sarmento (2010); Semedo (2006); Mendel (2007) & Montandon e Perrenaud (2021), dizem que os pais não frequentam muito as escolas dos filhos devido a vários fatores, tais como: a incompatibilidade dos horários de trabalho, informação escassa que pouco ou nada importa aos pais, o apontar constantemente aspetos

negativos sobre os seus filhos, as características organizacionais e funcionais da escola, a falta de espaços (para os pais conversarem com os professores ou estarem com os seus filhos), o uso de uma linguagem demasiado técnica e codificada, a burocracia que existe na escola, o fechamento à intervenção, atitude dos professores, a falta da simplicidade de disponibilidade, de abertura, a falta de estratégias sobre como dirigir-se aos pais, a falta de instruções de como podem apoiar os seus educandos no processo educativo, o nível socioeconómico e o nível socioeducativo.

Na perspetiva de Lima (2002, como citado em Sousa e Sarmento 2010:151), ao olharmos para estes desafios é necessário termos em conta a história destas duas instituições e considerar que pelo facto de não haver tradicionalmente uma cultura de comunicação, de participação e de colaboração entre ambas, faz com que se trate “não raras vezes de um aparente diálogo de surdos”. Por isso é necessário que a escola e os professores consigam arranjar novos meios, estratégias e instrumentos que possam tornar, mais fácil e, mais próxima a relação entre a escola e a família.

1.6 Ensino artístico em Portugal

1.6.1 Ensino artístico especializado

Em Portugal, o ensino artístico,¹ oficialmente organizado, de carácter regular e sistemático, é tardio (Goulão, 1989:1). Porém, tem tido um percurso sólido e coerente através dos anos. Eça (2008), no seu estudo sobre a “Educação Artística em Portugal- Entre a Tradição e a Rutura”, frisa que na década de 1960, a educação pela arte está firmemente estabelecida no nível teórico e prático, sobretudo nas atividades do Centro Pedagógico da Fundação Calouste Gulbenkian.

Segundo Fernandes et. al., (2014), a ideia da criação de uma formação específica direcionada ao ensino artístico associada a uma diferenciação curricular e institucional que visa preparar os futuros profissionais, só aparece nos anos 70 do século passado, num Colóquio sobre o Projeto da Reforma do Ensino Artístico, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigido pelo então Ministro da Educação Veigas Simão. Será em 1971 que se discutirá a favor da democratização e da oferta de uma educação artística de qualidade. Deste debate saíram 4 ideias-chave que ajudaram a impulsionar e a concretizar o ramo do ensino artístico especializado:

- A necessidade de encontrar um desenho adequado para o sistema educativo e para a inserção do ensino artístico no seu interior, ou seja, tornava-se necessário discernir entre o que seria o ensino artístico especializado e o ensino regular.

¹ O ensino artístico especializado é aquele que proporciona uma formação especializada dirigida a indivíduos que revelam comprovadas aptidões ou talentos para ingresso e progressão numa via de estudos artísticos, permitindo a conclusão dos ensinos básico e/ou secundário. Este ensino contempla as áreas de Dança, Música, Artes Visuais e Audiovisuais. <http://estatisticas-educacao.dgeec.mec.pt/eef/2020/>

- A conceção do que viriam a ser os regimes de frequência, com uma preferência pelo regime integrado.
- A abertura de uma discussão pública sobre a necessidade de elaboração de legislação própria para o ensino artístico, articulada com a que regulava o ensino no seu todo.
- A necessidade de expansão, melhoramento e acompanhamento da respetiva rede escolar e da sua população docente e discente.

Será na sequência desta reforma que o ensino do Conservatório Nacional foi colocado em regime de experiência pedagógica. Ao abrigo do mesmo regime, reorganizaram-se os planos de estudos e os programas. Todavia, até 1983, o ensino artístico especializado dos níveis não superior e superior de Música e de Dança era ministrado nos Conservatórios, sendo que a partir desta data estes passaram a desenvolver apenas os cursos básicos e complementares, criados ao abrigo do Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de julho, com vista à formação de músicos e de bailarinos, bem como à preparação específica necessária ao exercício de outras profissões ligadas à Música e Dança (art.º 1.º). As formações superiores de Música, Dança, Cinema e Teatro passaram a ser oferecidas em escolas superiores.

Segundo Ferreira (2016), na Lei de Base do Sistema Educativo Português, nº. 46/86, de 14 de outubro, encontra-se a distinção entre a Educação Artística Genérica dirigida à totalidade da população escolar e a Educação Artística Vocacionada, dirigidas as pessoas com vocação ou talento para esta área. Fernandes et al. (2007), diz que o ensino especializado apresenta características muito próprias e multifacetadas, que o diferencia do ensino regular. Tal é assim que este ensino não é obrigatório e segundo Decreto-lei 344/90, de 2 de novembro, está destinado a indivíduos com aptidões e talentos específicos e orientado para a formação especializada de executantes, criadores e profissionais dos diferentes ramos artísticos, por forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico, artístico e cultural.

Assim, as escolas profissionais criadas inicialmente ao abrigo do Decreto-Lei n.º 26/89, 21 de janeiro, correspondem a uma modalidade especial de educação escolar no âmbito de uma política que pretende a diversificação da oferta de formação e a qualificação profissional dos jovens. Por sua vez, Marques & Xavier (como citado em Ferreira 2016:20), dizem que é importante que o ensino ofereça aos alunos que sentem uma vocação especial para a formação artística a oportunidade para o fazerem desde uma idade sensível, variável conforme o aluno e a arte escolhida, uma pedagogia artística específica.

1.6.2 Tipos de ensino e níveis de formação no ensino artístico especializado.

O ensino artístico especializado é lecionado em escolas públicas e privadas. Assim, no ensino da dança e da música encontramos o 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e o Ensino Secundário. Existem três regimes de ensino:

- regime integrado: permite aos alunos frequentarem a formação geral e profissional na mesma instituição;
- regime articulado: permite aos alunos frequentarem a formação em dois estabelecimentos de ensino: a formação especializada artística num estabelecimento e o ensino geral no outro;
- regime supletivo: permite aos alunos frequentarem os planos de estudo das escolas vocacionais, independentemente do nível de escolaridade que frequentam na escola do ensino regular (Fernandes et. al., 2007:48).

Portanto, no que tange ao ensino especializado das Artes Visuais, a sua formação, diferencia-se do ensino regular, devido à sua formação técnica e artística. Esta tem uma duração de 3 anos e em Portugal, é lecionada apenas em 3 escolas secundárias artísticas, das quais duas públicas: António Arroio (AA) e a Escola Secundária Soares dos Reis (SR) e numa do ensino particular e cooperativo, o Instituto de Arte e Imagem do Porto (IAI). A conclusão de um curso de Artes Visuais ou Audiovisuais confere um diploma de conclusão de nível secundário e um certificado de qualificação profissional de Nível III.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de julho, as escolas vocacionais de Música têm como finalidade a formação de músicos, assim como uma preparação específica para o exercício de outras profissões ligadas a esta área artística. Segundo Castilho (2019:24), “o ensino da Música tem a duração de três anos curriculares e confere o diploma de conclusão do ensino secundário e o Nível III de qualificação”. O ensino artístico da Música é atualmente disponibilizado em 6 conservatórios públicos, 98 escolas do ensino particular e cooperativo e em 7 escolas profissionais.

O mesmo decreto refere que as escolas vocacionais de dança têm desenvolvido cursos básicos e/ou secundários do 1.º ao 8.º ano, conferindo, respetivamente, diplomas de 9.º e 12.º anos de escolaridade. O ensino especializado da Dança oferece, para além destes níveis de formação, cursos de iniciação. A especialidade da dança está circunscrita a 12 instituições, das quais 10 são escolas do ensino particular e cooperativo, uma escola profissional e outra é a Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional (EADCN).

1.6.3 Alunos deslocados do ensino artístico

São considerados alunos deslocados os estudantes com menos de 25 anos de idade que frequentam os estudos num estabelecimento de ensino (reconhecido pelo Ministério da Educação) situado a mais de 50 quilómetros de distância da residência permanente do agregado familiar².

² <https://www.e-konomista.pt/estudante-deslocado/>

Na literatura portuguesa, não encontramos estudos nem programas sobre alunos deslocados do ensino artístico que frequentam o ensino básico e secundário. Contudo, encontramos apenas um estudo feito por Amorim & Cosme (2017), sobre experiência de mobilidade de longa duração em alunos do ensino secundário. Neste estudo os autores abordam sobre as experiências “do acompanhamento direto de alunos portugueses e estrangeiros do ensino secundário no âmbito da Comunidade Europeia, em situação de deslocação em escolas de outros países, por um período de três meses” (Amorim & Cosme, 2017: 606). Neste artigo os autores referem alguns programas e iniciativas de mobilidade dos alunos do secundário. Assim, o “Programa Comenius”³ que esteve em vigor até ao ano letivo 2013-2014, visava melhorar a qualidade e reforçar a dimensão europeia da educação, desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário (PROALV A. n., 2014,)⁴. Estas atividades desenvolveram-se em vários Países Estados-Membros da União Europeia, nos países EFTA-EEE (Islândia, Liechtenstein, Noruega, Suíça), na Turquia e nos países e territórios ultramarinos pertencentes à Comunidade Europeia.

Estes programas tinham como objetivo, por um lado desenvolver o conhecimento e sensibilizar os jovens e os educadores para a diversidade cultural e das línguas europeias e por outro lado, ajudar os jovens a adquirir novas aptidões e competências para a vida. A mobilidade individual de alunos permitia aos alunos do ensino secundário frequentarem uma escola de acolhimento no estrangeiro por um período de três a dez meses. A idade mínima para participar desta experiência era de 14 anos e estar inscritos em regime a tempo inteiro (PROALV A. n., 2014).

Em Portugal, este programa teve a duração de dois anos letivos. Em 2011-2012, envolveu sete escolas, em que participaram quinze alunos portugueses e dezassete estrangeiros e, em 2012-13, participaram doze escolas nacionais, quer como escolas de envio (participaram 44 alunos portugueses), quer como escolas de acolhimento de alunos estrangeiros (receberam 47 alunos).

Os autores concluíram que o projeto de Mobilidade Individual de Alunos (MIA), marca bastante a vida dos adolescentes que vivem esta experiência, porque de certa forma descobrem várias realidades, ou seja, ajuda-os a descobrirem novas pessoas, novos países, novas culturas, novos idiomas, torna-os mais independentes e mais preparados para a vida. Por outro lado, vivenciam também algumas dificuldades próprias de quem faz esta experiência, o viver fora da própria família, o adaptar-se a outra família, escola, cultura, língua, nem sempre é fácil.

³O Programa Comenius MIA (Mobilidade Individual de Alunos) foi um projeto criado por iniciativa da Comissão Europeia no âmbito do programa mais alargado, o Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida que teve vigência entre os anos de 2007-2013. <http://ciedbraganca.ipb.pt/wp/diversos/comenius/>

⁴ Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida. PROALV: <http://www.proalv.pt/>; <http://www.proalv.pt/wordpress/comenius-2/>.

Capítulo 2. Estudo Empírico - Metodologia

Neste capítulo abordaremos o estudo empírico, baseado numa metodologia qualitativa. Nele, tratamos da problemática, dos objetivos, do método e das técnicas que serão utilizadas para a recolha de dados, do seu tratamento e da análise de conteúdo.

2.1 Problema em estudo

A presença dos pais na vida escolar dos filhos e o seu envolvimento nas atividades escolares é tão essencial que se traduz no sucesso escolar dos filhos, na qualidade do ensino e no aumento da colaboração da relação entre a escola e a família. Mesmo assim, há muito ainda por se fazer para consolidar a relação entre a escola e a família. Esta temática conduziu-nos a olharmos para as famílias que têm os seus filhos a estudarem como estudantes deslocados no ensino artístico especializado em Portugal, com particular atenção para os alunos da EADCN.

Em Portugal existe apenas uma única Escola Artística de Dança especializada, pública, de ensino integrado e fica em Lisboa. Deste modo a família que queira colocar o seu filho nesta escola e vive fora de Lisboa tem necessariamente de se mudar para esta cidade, ou enviar o seu filho a viver numa residência de estudantes, em casa de um familiar, de amigos, alugar um quarto para o filho morar, ou então percorrer longos trajetos durante a semana. Por conseguinte, existem famílias que não têm possibilidades económicas ou outras para o fazerem. Perante estes e outros fatores, alguns alunos não conseguem continuar o seu percurso de aprendizagem.

Portanto, face a esta situação, em que muitos dos alunos do ensino artístico têm de viver deslocados de suas residências e fora da família, a escola que tem de aprender a gerir estas situações procurando meios e estratégias de relacionar-se com as famílias dos alunos deslocados. Tal é assim que nasce a seguinte pergunta: que processos, estratégias e instrumentos são utilizados na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados do ensino artístico especializado? Porque o facto destes alunos deslocados estarem longe das suas famílias constitui um desafio acrescido e uma necessidade maior. Ora, esta distância traz consigo uma variável nova na complexa relação existente entre a escola e a família. Assim, para além de todos os desafios que as escolas enfrentam com a família e as famílias com a escola, estes alunos, pelo facto de estarem distantes das suas famílias, fazem com que o esforço do envolvimento tanto da escola como da família seja maior e diferente.

2.2 Objetivos específicos

Para a realização do nosso trabalho temos como objetivo geral conhecer os processos, estratégias e instrumentos que são utilizados na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados do ensino artístico especializado. E para atingirmos este fim, traçamos alguns objetivos específicos que nos serviram de bússola:

- compreender os conceitos de escola, família, relação escola-família, alunos deslocados;
- conhecer o processo de seleção e de acolhimento dos alunos deslocados no ensino artístico;
- conhecer as necessidades dos alunos deslocados do ensino artístico e das suas famílias;
- caracterizar as modalidades e as formas de participação das famílias na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional;
- analisar as parcerias e os meios institucionais de alojamento desenvolvidos pela EADCN, para suprir as necessidades dos alunos deslocados e das suas famílias;
- identificar as vantagens, dificuldades e os desafios que a escola e as famílias dos alunos deslocados encontram na sua relação.

2.3 Metodologia

Para a realização e aprofundamento do nosso trabalho, utilizámos uma metodologia qualitativa, por ser a que mais se adequa à realização do mesmo, uma vez que para atingirmos os nossos objetivos foi necessário fazer uma pesquisa de campo, ou seja, recolher informações utilizando as técnicas que este método propõe. Por conseguinte, a metodologia qualitativa, segundo Bogdan & Biklen (1994: 48), permite compreender, descrever e interpretar melhor os factos inerentes ao estudo. Está focalizado na compreensão mais profunda dos problemas, investigando o que está por trás de certos comportamentos, atitudes ou convicções. Por sua vez Bryman, diz que:

“a abordagem qualitativa faz uso da palavra, tem uma abordagem intuitiva entre a teoria e a pesquisa, rejeita as práticas e normas do modelo científico natural, favorecendo a interpretação da realidade social e adotando uma visão da realidade social em constante mudança, resultante da construção dos indivíduos” (Bryman, 2012, como citado em Carneiro, 2016:25).

Uma vez que o nosso estudo é qualitativo, recorreremos às seguintes técnicas para a recolha de dados: análise documental, entrevista e a análise de conteúdo. Pelas suas funções, são as que mais nos ajudam na recolha e na análise das informações que pretendemos obter.

A análise documental, é um processo que envolve seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos (escrito, áudio ou vídeo), cujo objetivo é extrair dela algum sentido. Deste modo no processo de investigação é necessário que o investigador recolha informação de trabalhos anteriores, acrescente algum valor e transmita à comunidade científica para que outros possam fazer o mesmo no futuro (Carmo & Ferreira, 2008:73). Tal é assim, que com esta técnica conseguimos encontrar informações inerentes a EADCN e o seu funcionamento no projeto educativo 2021-2024, no regulamento interno, no site, em algumas publicações, arquivos, espetáculos e vídeos.

A entrevista consiste numa conversa intencional entre duas pessoas ou mais, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações específicas. É uma técnica bastante utilizada na pesquisa qualitativa pois é muito usada no processo de trabalho de campo para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Batista, et. al 2017; Bogdan & Biklen, 1994). A técnica de entrevista está dividida por: entrevista estruturada; entrevista semiestruturada e entrevista não estruturada. Porém, optamos pela entrevista semiestruturada, porque nela a interação verbal entre entrevistador e entrevistado desenvolve-se em torno de temas ou de grandes questões organizadoras do discurso, não sendo desta forma demasiado restrito a perguntas específicas e respostas codificadas. Assim, com esta técnica, realizámos 12 entrevistas presenciais e via telefónica aos seguintes intervenientes: uma ao diretor da escola, 5 aos diretores de turma (desde o oitavo ao décimo segundo ano de escolaridade), e 6 entrevistas aos progenitores dos alunos deslocados, com a finalidade de obter várias informações sobre os alunos deslocados na escola, as suas necessidades, implicações, desafios e como tem sido a relação entre a escola e a famílias destes alunos.

Por último, mas não menos importante, utilizaremos a técnica de análise de conteúdo, que Stone (1964, como citado Ghiglione e Matalon, 2005:177), define como sendo uma técnica que “referem-se todos os procedimentos utilizados para especificar referentes atitudes ou temas contidos numa mensagem ou num documento determinando a sua frequência relativa”. Com este método realizamos a análise das entrevistas feitas aos progenitores e aos professores, a qual nos permitiu obter uma ideia de ambas as partes sobre a temática da relação escola-família e posteriormente o seu confronto com os outros conhecimentos.

2.4 Descrição do estudo

Este trabalho foi feito na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional, no distrito de Lisboa. Foi nela que se desenrolou quase todo o processo. Numa primeira fase, enviámos um email ao diretor da EADCN, pedindo autorização para termos a escola como o nosso campo de pesquisa, dado o tema em questão. O diretor recebeu de bom agrado este pedido e pediu-nos para fazermos uma carta oficial. Mas tarde, conversámos também por via telefónica com a responsável dos diretores de turma sobre o mesmo assunto. Esta considerou o estudo muito importante, porque é a professora que mais tem acompanhado os alunos deslocados e estrangeiros que frequentam a escola.

Numa segunda fase, enviámos uma carta ao diretor da escola a confirmar a nossa presença para a realização do estudo e, ao mesmo tempo, pedir oficialmente a colaboração e a autorização para conhecermos mais a escola, para realizarmos as entrevistas ao mesmo diretor, aos diretores de turma e aos pais dos alunos deslocados de cada turma. A escola leciona desde o 5º ao 12º ano de escolaridade. Depois de recebermos a autorização, que foi muito rápida e tomámos conhecimento que não havia alunos deslocados em todas as turmas. Tal é assim, que fomos aconselhados pelo mesmo diretor a entrevistarmos apenas os diretores que tinham alunos deslocados nas suas turmas. Inicialmente pretendíamos entrevistar oito diretores de turma e oito pais de cada turma, e nesse momento ficámos sem garantia se o número de diretores que tinham alunos deslocados nas turmas e o número de pais que têm os filhos deslocados, podiam ou não aceitar dar a entrevista e se este número era suficiente para obtermos os dados que pretendíamos para atingirmos os objetivos traçados. Contudo, começámos a enviar por correio eletrónico o pedido oficial aos cinco diretores de turma, desde o 8º ao 12º ano de escolaridade, correspondente ao 4º e ao 8º ano de dança, pedindo a sua colaboração e autorização para fazer-lhes a entrevista, uma vez que já tinham o conhecimento por parte do diretor da escola. E mais tarde enviámos também um pedido oficial por correio eletrónico a oito pais dos alunos deslocados. Da parte dos diretores de turma, responderam todos, cada um marcando a sua data e hora para a entrevista na mesma escola, aproveitando os seus tempos de folga. Os pais tardaram todos em responder, tivemos de insistir e acabámos por obter seis respostas.

A terceira fase foi a elaboração do guião das entrevistas e mais tarde a sua realização. As entrevistas decorreram durante os meses de maio e junho de 2022. As entrevistas aos agentes escolares foram feitas na escola, ou seja, em ambiente escolar aproveitando os tempos livres, com exceção de um diretor que a entrevista foi realizada por via telefone. A primeira pessoa a ser entrevistada foi o diretor da escola e a entrevista foi no seu gabinete. E depois entrevistámos a responsável dos diretores de turma, que ocorreu na sala dos diretores de turma. E depois, fomos entrevistando os diretores de turma consoante as datas marcadas, houve uma professora a quem falamos ao telefone e devido a falta de tempo da parte dele usamos uma modalidade diferente,

enviámos-lhe as perguntas por email e depois enviou as respostas e, mas tarde ligamos de novo para ela para perguntar um e outro assunto relativamente as suas respostas.

Da parte dos pais, devido a distância, as entrevistas foram feitas via telefónica, fizemos primeiro uma ligação para marcarmos o dia e a hora e, nos dias acertados, foram feitas as entrevistas. De modo a obter mais informação, depois da entrevista enviámos as perguntas as mães por email, para que tivessem um contacto direto com as mesmas, e demos-lhes a liberdade de poderem acrescentar algo caso, fosse necessário. Houve uma mãe ucraniana, que vive em Portugal, que devido à dificuldade do idioma recebeu as perguntas e depois enviou as respostas por email. Apenas houve uma mãe em que a entrevista foi presencial e na nossa residência, exatamente no dia em que o seu filho tinha feito o exame final da parte artística do 8º ano.

Gostaríamos de salientar que da parte dos progenitores entrevistados, não houve nenhum pai, foram sempre as mães que responderam. Penso que o facto de as entrevistas serem respondidas pelas mães deveu-se à relação que tenho com elas. Eu sou a diretora da residência família HVD onde estão alojados a maioria dos alunos deslocados da EADCN, e são as mães que tratam sempre dos assuntos com a residência, de modo que mesmo os contactos que temos são os das mães, e não o dos pais. As entrevistas estavam estimadas para uma duração de 45min, o que acabou por não acontecer; porque algumas foram mais longas e tiveram um tempo médio de 55 minutos e as mais curtas de 40 minutos. As mesmas foram gravadas e transcritas, e posteriormente foram codificadas e categorizadas de acordo com as dimensões dos objetivos do estudo.

Para além das entrevistas, analisámos também o projeto educativo 2021/2024, o regulamento interno e alguns arquivos, no qual obtivemos algumas informações sobre o funcionamento da escola.

Para uma melhor compreensão da informação recolhida nas entrevistas realizadas, optamos por organizá-los por tópicos e torná-las anónimos. Assim, entrevistámos dois grupos: famílias, e escola, mais concretamente cinco diretores de turma e o diretor da escola. Deste modo, para identificar as famílias usamos “Mãe 1” e como foram 6 mães atribuiremos o número de 1 a 6. E para os professores usamos as letras “EP 1” e como foram 6, atribuiremos o número de 1 a 6.

Portanto, a técnica de entrevista semiestruturada, que foi usada neste trabalho, foi de grande importância, porque por meio dela conseguimos organizar e elaborar um conjunto de diversas perguntas, as mães, aos diretores de turma e ao diretor da escola, partindo dos cinco objetivos traçados, que por sua vez nos possibilitou obter as informações de fontes diretas que pretendíamos. E uma vez transcritas, as entrevistas foram codificadas, analisadas e agrupadas por objetivos.

2.5 Caracterização da Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional

Com a reforma impulsionada por Veiga Simão como mencionamos anteriormente, foi criada no ano de 1971 a Escola de Dança do Conservatório Nacional. Esta escola, passou por duas fases de experimentação do ensino integrado académico e artístico, em 1974 e 1983. Em 1987, a Escola consolidou o regime de ensino integrado. As disciplinas de formação geral passaram a ser lecionadas até ao 12º ano.⁵

A escola situa-se em pleno centro histórico da cidade, no Bairro Alto, entre duas ruas: a Rua João Pereira da Rosa e a Rua dos Caetanos, em Lisboa. O que podemos considerar o edifício principal tem quatro andares. Nele existe dois Gabinetes de Direção, um Gabinete de Apoio e Secretariado, uma sala de serviços administrativos, uma sala e refeitório/ bar, uma sala de professores, uma Biblioteca, uma papelaria, uma sala de diretores e uma sala de receção aos pais, sete salas de aula de dimensão reduzida, centro de produção, uma sala de pessoal não docente, dois estúdios com vestuários, três balneários e seis instalações sanitárias. Como este edifício não comporta toda a atual população escolar, nomeadamente no que se refere às aulas em estúdios de dança, a escola tem ainda algumas instalações localizadas no edifício do antigo Convento dos Caetanos, onde se situa igualmente a Escola de Música do Conservatório Nacional. Neste edifício, existem cinco estúdios e vestuários, três salas de aula e ainda uma ala que alberga os serviços técnicos (áudio e vídeo), uma outra onde existe o guarda-roupa, uma sala de apoio e um sótão que serve de sala de osteopatia, cinco balneários e cinco instalações sanitárias.⁶

No que diz respeito a sua organização, os Órgãos de Gestão e Administração são responsáveis pela manutenção do bom funcionamento da instituição em termos burocrático-administrativos, e pelo controle da qualidade técnico-artística e pedagógico-didática nas vertentes desta modalidade de ensino. Os órgãos de direção, administração e gestão da escola são: Conselho Geral; Diretor(a); - Conselho Pedagógico; Conselho Administrativo.⁷

A EADCN é um estabelecimento público de ensino artístico especializado de Dança, integra a Formação Artística Especializada, com a Formação Geral, dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e o do Ensino Secundário, funcionando em horário integral das 8h15 às 20h00. O plano de estudo, da EADCN, está organizado por três graus de ensino: Grau elementar / 2º Ciclo do ensino básico; Grau Intermédio / 3º Ciclo do Ensino Básico; e o Grau avançado / Ensino secundário.

Relativamente a comunidade educativa, a EADCN, está formada por alunos, docentes e não docentes, pais e encarregados de educação, como podemos verificar nos quadros 1, 2 e 3.

⁵ <https://edcn.pt/wp-content/uploads/2022/05/Regulamento-Interno-EDCN.pdf>

⁶ <https://edcn.pt/wp-content/uploads/2022/04/Projeto-Educativo-Anos-letivos-2021-2024.pdf>

⁷ <https://edcn.pt/pt-pt/orgaos-de-gestao/>

Quadro 1 - Alunos. Ano letivo 2021/2022

	Número de alunos	Sexo		Origem	
		Masculino	Feminino	Portuguesa	Estrangeira
2º ciclo	33	8	25	28	1
3º ciclo	61	15	46	61	0
Ensino secundário	44	15	29	40	4
Total	138	38	100	129	5

Quadro 2 - Corpo docente Ano letivo 2021/2022

Docentes por área	Número de professores	Sexo		Origem	
		Masculino	Feminino	Portuguesa	Estrangeira
Professores de técnicas de dança	23	7	16	21	2
Professores acompanhadores	16	8	8	15	1
Professores de Expressões e Disciplinas Complementares de Formação Artística	7	4	3	7	0
Professores da Formação Geral: Línguas e Humanidades	16	4	12	16	0
Matemática e Ciências Experimentais	7	3	4	7	0
Total	69	26	43	66	3

Quadro 3 - Corpo não docente Ano letivo 2021/2022

Assistentes operacionais	13
Assistentes técnicos	7
Professor de educação especial	1
Técnico Especializado Osteopatia	1
Técnico especializado produção	1
Serviço de psicologia e a orientação (SPO)	2
Total	23

No que se refere aos pais, a associação de pais e encarregados de Educação é responsável pela proposta dos nomes dos representantes dos pais e encarregados de educação no Conselho Geral, posteriormente eleitos em sede de assembleia de pais e encarregados de educação e tem vindo a

constituir-se como uma peça fundamental no apoio à escola, em diversas atividades, nomeadamente na organização de apresentações públicas. A Associação de Estudantes foi fundada em 2018, encontrando-se em fase de consolidação, com o apoio das estruturas dirigentes e intermédias da EADCN.

A escola estabelece protocolos com várias companhias de dança e com entidades vocacionadas para a atribuição de subsídios/bolsas destinados à otimização do funcionamento da Escola e ao apoio a atividades preparatórias de ingresso na vida profissional dos alunos.⁸ E desde 2014, tem uma relação de amizade e próxima com a Residência Família HVD, onde são alojados os alunos deslocado (não há um protocolo oficial).⁹

⁸ <https://edcn.pt/wp-content/uploads/2022/04/Projeto-Educativo-Anos-letivos-2021-2024.pdf>

⁹ A Residência para Estudantes Família HVD pertence à Congregação Religiosa “Filhas de Nossa Senhora das Dores” e é dirigida pelas Irmãs da Congregação. A Congregação foi fundada em Espanha pela Madre Antónia Maria Hernández Moreno e pelo Sacerdote Pe. João Tena Fernández. O fim a que se propõe a Residência é proporcionar ajuda humana e intelectual aos jovens estudantes dentro de uma linha Cristã. A residência passou desde 2014, a receber alunos deslocados e estrangeiros da EADCN, na sequência de um acordo informal que ambas fizeram.

Capítulo 3. Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo, ocupamo-nos da apresentação e da análise dos resultados obtidos na pesquisa de campo, realizada na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional. O trabalho foi realizado através de consultas feitas em alguns documentos fornecidos pela EADCN: Regulamento Interno, Projeto Educativo 2021-2024, Plano de Estudo, Site e entrevistas realizadas as famílias dos alunos deslocados, aos diretores de turma e ao diretor da escola. Estes resultados foram recolhidos, transcritos, analisados, codificados e agrupados por objetivos.

Foram realizadas um total de 12 entrevistas, das quais seis foram feitas as famílias dos alunos deslocados, cinco a diretores de turma e uma ao diretor da escola. As entrevistas estão organizadas e sistematizadas por seis objetivos:

1. Perfil dos agentes entrevistados e dos alunos deslocados;
2. Processos e modelos de acolhimento dos alunos;
3. Necessidades dos alunos e suas famílias;
4. Modelos de relação escola-família;
5. Parcerias e meios institucionais de apoio;
6. Vantagens, dificuldades e desafios na relação escola família.

Utilizámos o seguinte instrumento de recolha de dados:

A-Carta de pedido para autorização da pesquisa.

B- Guião de entrevista semiestruturada aos pais dos alunos deslocados.

C-Guião de entrevista semiestruturada aos diretores de turma.

D- Guião de entrevista semiestruturada ao diretor da escola. Ver anexo.

Perfil dos agentes escolares e dos progenitores entrevistados

Para a recolha de dados referentes aos perfis dos agentes escolares e dos progenitores entrevistados, tivemos de fazê-lo por mensagem, pelo facto de serem dados de âmbito mais individual, tal é assim que alguns dos entrevistados responderam e outros não.

Quanto aos progenitores dos alunos entrevistados, relembramos que as entrevistas foram respondidas apenas pelas mães. Neste caso, verificamos que todas as mães têm uma idade entre os 40 e 51, possuem o grau académico de nível superior, estão todas empregadas nas suas áreas de formação, com exceção de uma mãe que se encontra desempregada. Todas as mães vivem em várias partes de Portugal, como podemos verificar no quadro 4.

Da parte dos agentes escolares, foram os que menos responderam às nossas perguntas referentes aos dados para o perfil. Porém, entrevistámos dois professores do sexo masculino e quatro

do sexo feminino. Os professores têm uma idade entre 59 e 65 anos, todos os professores possuem o grau académico de nível superior, quase todos trabalham na EADCN há mais de 4 anos, com exceção de uma que trabalha há 1 ano. Todos têm a função de diretor de turma com exceção de um que é o diretor da escola, lecionam entre o 8º e o 12º ano de escolaridade, nas disciplinas de Música, Matemática, Inglês, História e Cultura das Artes e Português, como se pode verificar no quadro 5.

Quadro 4 - Perfil dos progenitores entrevistados no ano letivo de 2021/2022

Código	Idade	Grau académico	Profissão	Localidade
MÃE.1	50	Doutora em tradução	Professora Universitária	Santarém
MÃE.2			Organizadora de eventos	Braga
MÃE.3	51	Mestre em Engenharia eletrónica	Desempregada	Algarve
MÃE.4	40-59	Mestre em Ciências Farmacêuticas	Farmácia comunitária	Algarve
MÃE.5			Empresária	Figueira da Foz
MÃE.6	40-50	Licenciada em arquitetura-com pós-graduação em direito da arquitetura e urbanismo	Arquiteta	Algarve

Quadro 5 - Perfil dos agentes escolares entrevistados no ano letivo 2021/2022

Código	Idade	Grau académico	Anos de profissão na EADCN	Ano Letivo 2021/2022	Disciplina
EP.1	59	Licenciatura	Trabalha a 14 anos	11º ano	Português
EP.2	62	Mestrado	Trabalha a muitos anos	9º ano	Música
EP.3			Trabalha a 4 anos	8º ano	Matemática
EP.4			Trabalha a 4 anos	11º ano	Inglês
EP.5			Trabalha a 1 ano	12º ano	História e Cultura das Artes
EP.6	60-65	Licenciada	Trabalha a 1 ano	10º ano	Português

3.1 Processos e modelos de acolhimento dos alunos deslocados

O facto de haver em Portugal, um único conservatório de ensino artístico especializado em dança que funciona em regime integrado, e estar localizada em Lisboa, leva muitos alunos a estudarem deslocados, mesmo que as famílias estejam conscientes dos desafios que todos têm de enfrentar, sobretudo a distância. Face a esta realidade, quisemos saber junto dos pais sobre o processo e o modelo de acolhimento dos alunos deslocados da EADCN. Pelo que auscultamos algumas mães, diretores de turma e o diretor da escola, sobre:

- Porque escolheram colocar os seus filhos a esta escola a apesar dos desafios;
- Como foram acolhidos.

Quase todas as mães entrevistadas disseram que colocaram os seus filhos nesta escola por falta de opção, ou seja, os seus filhos querem ser bailarinos e nos seus distritos não há uma escola com as características que esta escola tem. Consideram-na uma escola com bastante qualidade para a formação dos seus filhos, face à vocação de serem bailarinos. Todas as mães evidenciam que foram muito bem acolhidas pela escola. Pese embora exista um processo que passe por contactar a escola, entregar a documentação e uma prova que os alunos têm de fazer diante de um jurado para serem avaliadas as suas capacidades técnicas e artísticas. Porém, as mães disseram que desde o início foram bem acolhidas, começando pela forma como os funcionários as receberam e como têm sido tratadas pelos professores. As mães frisaram também que no início do ano letivo, são convocadas pela escola, juntamente com os filhos para uma reunião geral, onde são acolhidos pelos professores e pela direção da escola e lhes são apresentadas todas as instalações e o seu funcionamento, e depois são acolhidos pelos diretores de turma. Como podemos ler o que disse uma das mães:

“...esta escola tem uma forma muito familiar e próxima de acolher as pessoas, senti que o meu filho estaria em boas mãos e assim sucedeu”. (Mãe 5)

Auscultámos também os agentes escolares, que descreveram o processo de acolhimento na EADCN da seguinte forma: os alunos fazem uma candidatura na qual entregam os documentos e posteriormente fazem uma audição/avaliação artística perante um jurado. Estas podem ser presenciais, por videoconferência ou mesmo enviando um vídeo, geralmente no caso de alguns alunos estrangeiros, onde são avaliadas as suas capacidades técnicas e artísticas. No início do ano letivo são convocados todos os pais, encarregados de educação e alunos para uma reunião geral onde são acolhidos pela escola e lhes são apresentadas todas as instalações, o seu funcionamento e a seguir, cada diretor de turma convoca as família e alunos da sua turma para tratarem de assuntos mais relacionados com os horários, faltas e justificação de faltas, dos materias didáticos e artísticos, da higiene dos alunos, e outros. E como afirmam um dos professores:

“...nem todos os pais comparecem nesta reunião, sobretudo os pais que vivem fora de Lisboa ou de Portugal”. (EP 1)

3.2 Necessidades dos alunos deslocados e suas famílias

Qualquer aluno deslocado ou estrangeiro apresenta algumas necessidades acrescidas para além do normal e o mesmo acontece com as suas famílias. Necessidades estas que levam a um esforço aumentado tanto da parte da escola como da família que, apesar da distância, devem fazer-se presente na vida da escola e dos filhos, arranjanado estratégias. Por isso, é necessário que haja uma colaboração

entre a escola e a família, para poderem ajudar e apoiar não só os alunos como a própria família e a escola. Esta foi a razão pela qual tentámos saber junto das mães dos alunos deslocados, dos diretores de turma e do diretor da escola sobre o seguinte:

- há alguma necessidade específico por estudar deslocado;
- há alguma vantagem por estudar deslocado;
- estudar deslocado tem algum impacto no sucesso escolar;
- que necessidades apresentam as famílias dos alunos deslocados;
- como tem a EADCN ajudado a suprir as necessidades dos alunos e suas famílias.

As mães, em unanimidade, disseram que existem várias necessidades que os seus filhos passam por estudarem deslocados. Manifestaram que a falta de mais escolas que funcionem como a EADCN é uma das grandes necessidades, porque é por esta razão que os seus filhos são obrigados a estudarem deslocados. Mencionaram também a solidão, a ausência da família, a falta de apoio emocional, psicológico e as saudades. Houve uma mãe que se manifestou de forma diferente, dizendo que não encontrava nenhuma necessidade diferente da que se estivesse a viver em casa.

Apesar das necessidades que as mães mencionaram, também conseguiram dizer (embora nem todas) algumas vantagens que têm encontrado nos seus filhos pelo facto de estudarem deslocados. As mães disseram que notam um crescimento positivo acompanhado de uma maturidade suficiente, tornam-se mais autónomos, mais independentes mais responsáveis, com uma autoestima mais elevada (por exemplo, pelo facto de notar que nesta escola não confundem a sua opção de bailarino com a sua orientação sexual).

As mães disseram que o estudar deslocado ajuda no sucesso escolar, quando estes são acompanhados devidamente, apesar da distância. Caso contrário, o impacto seria muito negativo, porque estão em fase de crescimento e necessitam de ajuda para resolverem alguns trabalhos que são mandados pelos professores. Assim, muitas das mães mencionaram o sistema de vídeo conferência como o WhatsApp, como meios que os tem ajudado para estudarem com os seus filhos e os orientar no que for preciso. Como afirmou uma das mães:

“Ajudo o meu filho, dando-lhe apoio emocional, psicológico, ajudando-o nos trabalhos de casa, nos problemas que foi tendo, sobretudo quando chegou a fase dos 15 anos, foi muito complicado. Ele não soube lidar com a adolescência e eu tive de dobrar os esforços, telefonando para ele manhã e noite, todos os dias”. (Mãe 5)

Por sua vez as mães manifestaram também as necessidades que sentem pelo facto de terem os filhos a estudarem deslocados. Afirmaram unanimemente que sentem a ausência dos seus filhos, e sentem que não dão o apoio e o acompanhamento necessário que deviam dar e isto as faz sofrer. Contudo reconheceram também o grande apoio que a escola tem dado aos seus filhos, para ajudar a superar

algumas necessidades, sejam elas psicológicas, emocionais, de saúde, ou de uma outra dimensão, uma vez que nem sempre elas conseguem estar presentes para o fazê-lo. Como se pode ver na descrição de uma das mães:

“Sempre que o meu filho necessitou de algum cuidado médico, mesmo que para uma simples constipação sempre fui informada pela escola que lhe deram o primeiro suporte...”. (Mãe 2)

Passando para os agentes escolares, que foram entrevistados sobre as necessidades dos alunos deslocados e das suas famílias, dois professores 4 e 5, disseram que não encontram necessidades nos alunos deslocados e estrangeiros que têm nas suas salas, talvez por estarem já no 11^º e 12^º ano. Porém, os outros professores reconheceram que estes alunos passam por necessidade de várias ordens tais como: o isolamento, a falta da família, a falta de um tutor local para os poderem acompanhar mais de perto nos estudos, quando têm de ir ao hospital, quando estão mais desanimados e tristes ou quando precisam de tratar da documentação, no caso dos alunos estrangeiros.

Os professores entrevistados manifestaram diversas posições quanto às vantagens de os alunos estudarem deslocados. Alguns disseram que existem diversas vantagens, na medida em que crescem com uma maturidade diferente, se tornam mais responsáveis e autónomos e mais preparados para enfrentar as novas realidades. Porém, outros professores preferem que os alunos mais pequenos devam a estar a viver ao lado dos pais. Como refere um dos professores:

“Vantagem não vejo, antes pelo contrário...Há alunos que necessitam de ter um tutor em Lisboa porque entram muito pequenos e carecem de alguém que os ajude; a residência não está sempre disponível para isto, tem de ser alguém que faça o papel do encarregado de educação, que se responsabilize por eles”. (EP 3)

Os professores, tal como os pais, disseram que a escola tem dado o apoio necessários aos alunos deslocados e estrangeiros. Se tem sido o suficiente, não se sabe, frisou um dos professores. O certo é que segundo os professores entrevistados, a escola recomenda aos diretores de turma que devem estarem disponíveis, sempre que possível, para ouvirem e atenderem as necessidades dos alunos e dos seus familiares, presencialmente ou ‘online’.

Os professores disseram também que a escola tem dado aos alunos deslocados e estrangeiros a autorização para irem visitar as suas famílias, durante um tempo que pode ser de uma semana, quando notam que o aluno está a precisar dos pais ou quando são as famílias a solicitarem este pedido. Alguns professores disseram também que têm apoiado emocionalmente estes alunos, enviando-lhe mensagens, dando uma palavra de conforto e de força. Como referem alguns professores:

“Uma vez ou outra quando os alunos ou os pais pedem para o aluno ir a casa porque querem reunir a família, - encontram-se muito tristes, isolados, com saudades ou uma outra situação - a escola deixa-os ir sem levantar problemas” (EP 1)

“Pessoalmente dou-lhes o meu contacto e todos os fins de semanas envio alguma mensagem para dar-lhes forças”. (EP 2)

3.3 Modelos de relação escola-família

Na problemática da relação escola família, existem diversas modalidades e formas de relacionamento. Dependendo da escola e de cada família elas podem ser: mais abertas ou mais fechadas, mais distanciadas ou mais próximas, com mais colaboração ou mais competitividade. Desta forma, para compreendermos os modelos de relação escola-família que existe na EADCN, procurámos por meio de entrevistas realizadas a algumas mães e aos professores, incluindo o diretor da escola, saber o seguinte:

- como caracterizam a EADCN;
- que modelo de relação escola-família existe na EADCN;
- se existe alguém na escola que faz a ligação entre a escola e a família;
- se a EADCN promove a participação das famílias;
- como tem sido a relação da EADCN com as famílias dos alunos deslocados;
- que meios são utilizados para a comunicação entre as duas instituições.

As mães coincidiram ao dizer que não existe um único modelo padrão de relação escola-família na EADCN. Entretanto caracterizaram-na como sendo uma escola com um sistema de ensino diferente, muito exigente, com alunos de vários países e culturas, com excelentes profissionais e muito familiar, uma escola muito aberta e comunicativa, que passa com frequência a informação aos pais sobre o processo escolar dos filhos.

As mães ressaltaram bastante o papel do diretor de turma como aquele que faz a ponte de ligação entre a escola e a família e aquele que tem feito o convite para que as mães possam participar mais nas atividades da escola. Contudo a maioria das mães disseram que dada a distância e outros fatores fica difícil participar sempre nas atividades organizadas pela escola, mas fazem de tudo para participarem dos espetáculos do Natal e do Final do Ano Letivo. Como disseram algumas das mães:

“Neste momento não participo nada, porque estou longe e claro não me facilita estar a vir constantemente”. (Mãe 5)

“Participo na divulgação dos espetáculos que nos é pedida, (...) nas aulas abertas, no grupo de pais da turma onde tentamos desenvolver mais espírito de grupo entre todos”.

(Mãe 6)

As mães evidenciaram o trato fácil que têm com a escola apesar da distância, a facilidade de contactar com a escola sempre que possível, seja por correio eletrónico, por telefone, videoconferência ou mesmo quando marcam uma reunião presencial. Falaram do cuidado que a escola tem tido com os seus filhos (pelo facto de saberem que estão na residência...). Ressaltaram também a preocupação dos professores quanto à comunicação, estes procuram constantemente informarem aos pais, sobre o processo escolar dos filhos e das atividades que a escola organiza, seja por via telefónica, correio eletrónico, reunião presencial ou videoconferências.

Ao auscultarmos os agentes escolares sobre “o modelo relação escola – família”, estes caracterizaram a EADCN como sendo uma escola profissional, exigente, com professores qualificados e próxima a toda a comunidade escolar. Tal como os pais, quase todos os professores disseram que não existe nenhum modelo padrão de relação escola-família. Existe sim o diretor de turma, que é o elemento que faz a ligação entre a escola e a família. Por outro lado, os diretores de turma têm a recomendação de comunicarem a família sobre o processo escolar dos alunos utilizando os meios necessários para tal fim, o telefone, correio eletrónico, carta quando for necessário, videoconferência ou marcar uma reunião presencial. Como frisou um dos professores:

“O que temos é o que está constituído na lei, ou seja, o diretor de turma é o primeiro elemento de comunicação entre a escola e a família, mas quando existe um problema maior a direção da escola é que intervém”. (EP 1)

À semelhança do que disseram as mães, os professores entrevistados disseram que procuram envolver a comunidade escolar em todas as atividades que a escola organiza ao longo do ano, isto é, nas aulas abertas, oficinas coreográficas, espetáculos do Natal e do Final do Ano Letivo, e nestas atividades ressaltaram bastante o papel que a associação de pais tem desempenhado. Os professores destacam a facilidade que têm de relacionar-se e de contactar as famílias. Como afirmou um dos professores:

“Os meios que usamos passam através do telemóvel, do email, mensagem ou reunião presencial e vídeo conferência. Há dois anos tivemos um caso em que a mãe ligava quase todos os dias para saber do desempenho da filha, porque não podia vir devido a distância”. (EP 3)

3.4 Parcerias e meios institucionais de alojamento

O facto da EADCN ser uma escola de relevância ao nível do País, e por receber alunos deslocados e estrangeiros constantemente, levou-nos a querer aprofundar o aspeto do alojamento, enquanto fator

indispensável e de certa forma influente no sucesso escolar destes alunos. Por outro lado, pensamos nós, pode dar tanto para a família como para a escola uma estabilidade, tranquilidade, segurança e apoio, em vários sentidos, para os seus filhos e alunos. Foi assim que procurámos junto dos pais, professores e do diretor da escola saber sobre o seguinte:

- se EADCN tem parceira com alguma residência de estudantes;
- se considera esta parceria importante;
- tem algum contacto com esta instituição;
- como funciona a relação entre a EADCN, a residência e as famílias.

Auscultámos as mães entrevistadas sobre as perguntas acima referidas e quase todas consideram que a escola tem uma parceria oficial com a Residência Família HVD¹⁰. Com exceção de uma, que disse que a EADCN o que tem é uma amizade com a residência Família HVD, mas não existe nenhum protocolo.

Como podemos ver na citação abaixo:

“Do que eu saiba a EADCN, não tem nenhum protocolo oficial com nenhuma residência de estudantes. O que tem é uma relação informal e de profunda amizade com a Residência Família HVD, onde estão quase todos os alunos deslocados e estrangeiros que recebe”. (Mãe 5)

As mães consideram bastante importante a parceria que a escola tem com esta Residência, por ser um lugar de segurança, na qual as responsáveis prestam ajudas diversas aos seus filhos e sobretudo porque tem servido em certas situações de ligação entre a família e a escola. Como se pode ver na citação de alguma das mães:

“Graças a esta residência, os alunos, os pais e a escola conseguem ficar descansados em muitos aspetos. Têm alimentação, as saídas noturnas são controladas, têm o acompanhamento para a escola e às vezes para o hospital. Esta residência tem apoiado bastante estes alunos deslocados e estrangeiros”. (Mãe 5)

Quanto aos professores entrevistados, disseram que a EADCN, não tem nenhuma residência para alojar os alunos deslocados ou estrangeiros. O que têm, desde 2014, é um acordo informal, uma relação cordial e de boa amizade, com a Residência Família HVD, que é dirigida por uma Congregação Religiosa “Filhas de Nossa Senhora das Dores”, cuja responsável é uma das irmãs que tem facilitado a comunicação entre a escola, a família a residência. Os agentes escolares disseram que esta residência tem ajudado bastante a tranquilizar as famílias e a escola. Pese embora houve um dos professores que não compreende por que o governo não concede uma residência para os estudantes deslocados e

¹⁰ É uma residência de estudantes, pertence à Congregação Religiosa “Filhas de Nossa Senhora das Dores” e é dirigida pelas Irmãs da Congregação. Situada na Freguesia de Alvalade em Lisboa, na Rua Doutor Gama Barros, 19. <https://lifamiliahvd.wordpress.com/>

estrangeiros desta escola, uma vez que em outros países todas as escolas deste género têm residência.

Como podemos ver na citação seguinte:

“A legislação portuguesa prevê residência para os alunos deslocados no ensino superior, não prevê no ensino básico ou secundário e, portanto, é suposto os alunos no ensino básico ou secundário fiquem na sua área de residência. Logo, há aqui um vazio também legal a esse nível. As escolas do ensino artístico especializado como a nossa, que é a única no país, deveria disponibilizar como fazem em outros países uma residência. Este assunto nunca foi previsto e continua a não ser, pelo que não temos essa possibilidade”. (EP 1)

Os professores entrevistados, também consideram a existência da Residência Família HVD bastante importante para todos, uma vez que tem sido a primeira preocupação das famílias quando pretendem colocar os seus filhos nesta escola. Os agentes escolares evidenciaram que, por ser o lugar onde eles passam a maior parte do tempo, quando existem situações de atrasos, faltas, doença ou qualquer outra, é com a residência que tratam para além dos pais. Como podemos ver na descrição de um dos professores:

“A importância desta residência passa pela partilha que existe entre as famílias a escola e a Residência sobre o processo escolar dos alunos, de um problema que surja e seja necessário solucioná-lo, casos como: chegar tarde à escola, problema de saúde, excesso de faltas, notas baixas...” (EP 1)

3.5 A participação dos pais na EADCN

A relação escola família, na perspectiva de Oliveira (2010), tem sido cada vez mais valorizada na medida em que ambas vão tomando consciência da importância da participação dos pais na vida da escola e do sucesso do aluno.

Ora, apesar desta consciência, é necessário que se encontrem estratégias e instrumentos que facilitem a participação presencial dos pais na escola e na vida dos filhos. Não basta uma “participação indireta”, é importante que haja uma “participação direta e presencial”, de modo que possa haver uma “Co-produção”. De modo a compreendermos melhor a importância desta relação entre a família e a escola, entrevistamos algumas mães, professores e o diretor da EADCN sobre o seguinte:

- se importante a participação dos pais na escola;
- se os pais podem participar na gestão, planificação e tomada de decisão da escola;
- se existe alguma vantagem na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados;
- que dificuldades existem na relação entre escola e família;
- que desafios existem na relação entre a escola e a família dos alunos deslocados.

As mães entrevistadas consideraram bastante importante a participação ativa das famílias na vida da escola e dos seus filhos, porque consideram ser um benefício para todos e porque ajuda os pais a estarem a par dos problemas, do processo escolar dos filhos e de tudo o que se passa na escola. Por outro lado, quase todas as mães entrevistadas, discordaram da ideia das famílias participarem na gestão, planificação e tomada de decisão da escola. Consideram ser assuntos da competência da escola e não dos pais. Mas houve uma mãe que concorda com a ideia de que os pais podem participar na gestão, planificação e tomada de decisão, desde que seja para o bem de todos.

As mães mencionaram ainda as diversas vantagens que existem na relação entre a escola e a família. Falaram da abertura que a escola proporciona às famílias como forma de aproximá-las à escola, do uso constante dos diversos meios de comunicação para fazer chegar as informações, tais como: o telefone, o correio eletrónico, videoconferência e as reuniões presenciais sempre que for necessário. Consideram bastante vantajoso o trabalho do diretor de turma e da associação de pais como órgão que tem feito chegar as suas opiniões à direção da escola no sentido de uma melhoria contínua.

Porém, as mães mencionaram também algumas dificuldades que têm encontrado na relação com a escola, como a falta de flexibilidade dos horários das aulas, as alterações das aulas de ensaios sem avisarem atempadamente, a falta de mais eventos para promover a presença das famílias na escola, a falta de mais aulas abertas às famílias, a falta de espaços para que os pais possam estar com os filhos ou mesmo com os professores, os “mal entendidos”, a falta de abertura total das informações, a falta de diálogo entre pais e entre professores, os pais que querem competir com os professores metendo-se demasiado nos assuntos da escola, e o viver distante, o que não facilita a presença física na escola.

Não apresentaram muitos desafios na sua relação com a escola, o que disseram foi que a escola deve continuar a manter uma comunicação constante com as famílias, construir espaços para receber os pais e arranjar estratégias que ajudem a expansão de mais conservatórios em outros lugares como meio de evitar a que os alunos estudem deslocados. Como podemos verificar na citação de uma das mães:

“Criar mais espaços para receber os pais, para que os alunos pudessem dispor de um espaço onde dialogar familiarmente em intimidade quando fosse necessário; até mesmo entre pais e professores”. (Mãe 5)

Por sua vez, auscultamos também os agentes escolares sobre o mesmo objetivo. Todos os professores concordam que a participação dos pais na vida da escola é muito importante, sobretudo para esta escola artística onde os alunos necessitam de grande apoio das famílias, sejam eles, psicológicos, físicos, afetivos, pedagógico ou outros. Como podemos ver na citação de um professor:

“Para a nossa escola é fundamental a participação dos pais. Estes alunos requerem um acompanhamento muito próximo e este acompanhamento passa pela relação construída pela escola e pelos pais, o nível de exigência físico é elevado e implica um acompanhamento médico e uma vigilância contante...” (EP 1)

Igual que as mães entrevistadas, os professores também nem todos concordam com a ideia da participação dos pais na gestão e tomada de decisão da escola. Para os professores, os pais devem cumprir bem o seu papel de pais e encarregados de educação e a escola também deve cumprir bem a sua função de ensinar. Entretanto, houve uma professora que concorda com a ideia da participação dos pais nos assuntos internos da escola porque as suas ideias podem ajudar no crescimento da mesma:

“Em geral sim, concordo dependendo da forma como é aplicado. Acho que os pais podem e devem fazer parte do processo de gestão de uma escola porque a sociedade muda e os pais podem fazer sugestões que nesta geração fazem sentido o que provavelmente á 10 anos não faria sentido”. (EP 4)

Os professores também consideram que existem muitas vantagens na relação entre a escola e a família. Evidenciaram que a participação ativa dos pais na vida da escola e dos filhos, proporciona o sucesso escolar dos filhos. Consideram vantajosas as exigências dos pais dos alunos deslocados e estrangeiros, em procurarem saber constantemente a partir da escola sobre o processo escolar dos seus filhos, porque esta exigência tem ajudado a escola a antecipar-se em dar a informação sejam por escrito ou via telefónica. Outra vantagem é o facto de a escola ao convidar os pais a participarem das atividades que organiza, conseguir estar mais próxima das famílias. Como podemos ver na citação de um dos professores:

“A escola cultiva o hábito de convidar os familiares para assistirem os espetáculos que os alunos realizam no final do ano letivo, no Natal e nas oficinas. Então penso que esta reciprocidade da escola que convida os pais, informa e comunica e a receção das famílias a estes convites ou chamadas é uma forma de aproximação e é muito positivo”. (EP 4)

Os professores também identificaram algumas dificuldades que têm encontrado na sua relação com as famílias, de que dão conta: existe falta de contacto físico e presencial com algumas famílias, interferências constantes de alguns pais nos assuntos da escola, “mal entendidos” entre professores e pais, falta de apoio dos pais em algumas iniciativas organizadas pela escola ou na resolução de alguns problemas, a não justificação de faltas, o pouco apoio que os pais dão aos filhos nas atividades de casa, o problema do idioma (no caso dos alunos e famílias que não falam Português nem Inglês), o problema dos fusos horários na horas das reuniões, ou a necessidade de dar uma informação urgente aos pais dos alunos estrangeiros.

Os professores referiram também alguns desafios que têm encontrado na sua relação com a família, falaram da falta de um tutor dos alunos deslocados, ficando a escola com a responsabilidade de acompanhar estes alunos; falaram da criação de um protocolo oficial com a residência de alojamento Família HVD, como estratégia para poder ajudar os alunos deslocados e as suas famílias e veem também como um grande desafio a criação de um gabinete de apoio para os alunos deslocados e estrangeiros. Como podemos ver na citação de um dos professores:

“Os pais deviam comprometer-se seriamente em conseguirem um tutor ou alguém que faça o papel de encarregado de educação para acompanharem os filhos”. (EP 3)

Conclusão

Dedicámo-nos este trabalho ao estudo da relação entre a escola e a família dos alunos deslocados do ensino artístico. Atualmente espera-se que escola e famílias trabalhem em colaboração. Para compreendermos esta temática, temos de ter em conta as várias transformações políticas, económicas e sociais que surgiram nos finais do século XX. Canário (2007) afirma que a problemática da relação escola-família é um assunto contemporâneo, que surge com a transformação da escola elitista numa escola de massas, ao que levou a escola a lidar com novos públicos, heterogéneos. Ora, a relação escola-família dos alunos deslocados do ensino artístico necessita de uma atenção particular, tanto da parte da escola, como da família, como do Ministério da Educação.

O ensino artístico em Portugal tem uma implementação recente, e este é lecionado nas escolas públicas e privadas funcionando com três tipos de regimes: integrado, articulado e supletivo. A oferta é reduzida, nomeadamente na área da dança. Este é um dos fatores principais para a existência de alunos deslocados neste tipo de ensino.

O primeiro objetivo desta pesquisa foi conhecer o processo de seleção e de acolhimento dos alunos deslocados na EADCN. A pesquisa permitiu compreender que o processo de seleção e de acolhimento passa por três fases: entrega da documentação; audição perante um jurado e um acolhimento geral das famílias e dos alunos no princípio de cada ano letivo, onde são apresentadas todas as instalações e o seu funcionamento. Após o acolhimento geral, os estudantes são acolhidos pelo diretor de turma, onde são dadas as recomendações mais ligadas aos alunos e as suas famílias.

Em segundo lugar, procurámos identificar as necessidades dos alunos deslocados do ensino artístico e das suas famílias. A partir dos testemunhos das mães, identificámos que os alunos deslocados apresentam necessidades de várias ordens. Entre elas encontram-se a solidão, a ausência da família, a falta de apoio emocional e psicológico, e a falta de mais oferta escolar descentralizada no campo artístico. Os professores, acrescentaram a falta de um tutor que viva em Lisboa, e que acompanhe os estudantes mais de perto. Porém, foram mencionadas algumas vantagens pelo facto de os estudantes estarem a estudar deslocados: crescem com mais autonomia, mais independência, mais responsabilidade, a terem um contacto maior com diversas pessoas, novas realidades e serem mais protegidos e valorizados na sua vocação de bailarinos, isto no caso dos estudantes do sexo masculino. Ora, é possível dizer que estas necessidades porque passam os alunos deslocados e conseqüentemente as suas famílias, leva a que escola e famílias estejam mais próximas para se ajudarem mutuamente e ajudarem os alunos. E deste modo, tal como afirma Henrique (2006), há consenso em reconhecer que o envolvimento das famílias e de outros intervenientes na vida escolar dos filhos se reflete positivamente no seu sucesso.

O terceiro objetivo foi caracterizar as modalidades e as formas de participação das famílias na EADCN. A EADCN não tem um modelo padrão de relação escola-família. Porém, as famílias consideram-na uma escola exigente, com qualidade a nível de ensino, muito familiar, uma escola aberta, comunicativa. As formas que a escola utiliza para envolver os pais nas suas atividades tem sido aulas abertas, oficinas coreográficas, espetáculos do Natal e do final do ano letivo. Outros meios são usados diariamente, tais como o telefone, correio eletrónico, carta, videoconferência e reuniões presenciais, sempre que possível.

O quarto objetivo consistiu em analisar as parcerias e os meios institucionais desenvolvidos pela EADCN, para suprir as necessidades dos alunos deslocados e das suas famílias. A escola não tem nenhuma residência para alojar os seus alunos deslocados e estrangeiros, o que existe é uma relação próxima com uma instituição, a residência família HVD, onde tem alojado a maioria dos seus alunos nestas condições. A residência tem sido, de certa forma, a intermediária entre a escola e as famílias dos alunos deslocados.

O quinto e último objetivo foi identificar as vantagens, dificuldades e os desafios que a escola e as famílias dos alunos deslocados encontram na sua relação. Foi possível compreender que é muito importante o envolvimento dos pais na vida da escola e dos filhos. Tanto as mães como os professores salientaram diversas vantagens da relação escola-família, entre elas o sucesso escolar do aluno e o aumento da qualidade do ensino e da própria escola. Foram mencionadas algumas dificuldades que existem na relação entre a escola e a família, tais como a distância, a falta de flexibilidade dos horários das aulas e das reuniões, a falta de mais eventos para promover a presença das famílias na escola, falta de espaços para que os pais possam estar com os filhos ou mesmo com os professores, falta de diálogo entre pais e entre professores, a falta de apoio dos pais em algumas iniciativas organizadas pela escola. Algumas dificuldades mencionadas vão ao encontro do que autores como Bento et. al., (2017), Semedo (2006) e Mendel (2007), mencionaram nos seus estudos.

Foram mencionados também alguns desafios, no sentido de continuar a melhorar e a potenciar o que tem sido positivo, tanto para a escola como para a família, e procurar soluções para melhorar a relação entre a escola e as famílias. Assim, a escola deve manter uma comunicação mais aberta, realizar mais atividades escolares, criar um gabinete de apoio aos alunos deslocados e sobretudo aos alunos estrangeiros, arranjar um protocolo oficial com uma residência de estudantes e também em procurar estratégias para expandir o sistema de ensino integrado e outras escolas de dança.

Durante a realização do nosso trabalho, encontrámos algumas limitações, como a falta de bibliografia sobre alunos deslocados no ensino artístico, a dificuldade de realização das entrevistas (cujo número final ficou abaixo do esperado), devido à distância. A realização das entrevistas por via telefónica não foi muito confortável. Por fim, encontrámos também dificuldade no momento da recolha de dados dos professores e pais para a elaboração dos perfis.

Ao concluirmos este trabalho, é possível compreender que foi possível responder à pergunta de partida. A nossa pesquisa vai ao encontro do que os outros autores já trataram referente a relação escola-família. Todavia, encontramos um vazio e ao mesmo tempo um elemento novo nesta temática: a “distância”. Vazio, porque falta explorar mais a vertente da relação escola-família dos alunos deslocados no ensino artístico, e distância, porque este elemento traz consigo outras variáveis para a temática em estudo ao que necessita de uma atenção para os investigadores desta área. Partindo da pergunta - que impacto pode causar o fator distância na vida das famílias que passam a viver sem os filhos, aos filhos que começam a viver tão cedo separado dos pais, e às escolas que recebem alunos deslocados desde tenra idade? Em geral, a relação escola família é positiva, pese embora, exigente e difícil. Contudo é necessário que se continue a trabalhar para que os ganhos possam servir para o maior sucesso escolar dos alunos e o bem-estar entre as famílias e a escola.

Por isso, esperamos que o este trabalho, contribua para aumentar a reflexão e o aprofundamento da temática da relação escola-família, sobretudo no caso das famílias dos alunos deslocados, de modo que se possam encontrar algumas alternativas no apoio destas famílias e alunos.

Partindo das conclusões desta investigação, e dada a sua importância, ousamos apresentar algumas propostas para melhorar a relação entre a escola e a família dos alunos deslocados:

- arranjar estratégias que ajudem a consolidar a relação entre a escola e a família;
- ampliar a rede escolar do ensino artístico integrado em Portugal;
- criar espaço de convívio no acolhimento, para os pais, encarregados de educação professores e alunos;
- propor aos pais meios que os ajudem a acompanhar o processo escolar dos filhos;
- criar dinâmicas que possam atrair os pais a participarem nas atividades da escola;
- procurar estratégias e meios de apoio financeiros, psicológicos e emocional para ajudar as famílias que têm os alunos a estudarem deslocados;
- procurar meios que possam evitar futuras consequências para os alunos que vivem fora da família desde tenra idade, por causa dos estudos.

Fontes de legislação consultadas

- Decreto-Lei n.º 172/91, de 10 de maio.
- Decreto-Lei 7/77 de 1 de fevereiro
- Despacho Normativo n.º 122/79, 1 de junho
- Decreto-Lei n.º 310/83, de 1 de julho
- Lei de Bases do Sistema Educativo Lei n.º 46/86, de 14 de outubro
- Decreto-Lei n.º 26/89, 21 de janeiro,
- Decreto-lei 344/90, de 2 de novembro,
- Despacho Conjunto 60/SERE/SEAM/90 de 14 de setembro
- Decreto-Lei 172/91, de 10 de maio
- Despacho Normativo. 98-A/92
- Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril
- Despacho n.º 5048-B/2013, de 12 de abril

Fontes web consultadas

- <https://www.e-konomista.pt/estudante-deslocado/> 15 Set, 2022 - 13:08
- <http://ciedbraganca.ipb.pt/wp/diversos/comenius/>
- PROALV: <http://www.proalv.pt/>: <http://www.proalv.pt/wordpress/comenius-2/>.
- Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional. Regulamento interno, 2022. <https://edcn.pt/wp-content/uploads/2022/05/Regulamento-Interno-EDCN.pdf>
- Escola Artística de dança do Conservatório Nacional. Projeto Educativo 2021/2022-2023/2024. <https://edcn.pt/wp-content/uploads/2022/04/Projeto-Educativo-Anos-letivos-2021-2024.pdf>
- Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional. Arquivos. <https://edcn.pt/pt-pt/orgaos-de-gestao/>

Referências bibliográficas

- Alho, S., & Nunes, C. (2009). Contributos do diretor de turma para a relação escola- família. *Porto Alegre*, 32 (2), p. 150-158.
https://www.researchgate.net/publication/234876921_Contributos_do_director_de_turma_para_a_a_relacao_escola-familia
- Amorim, M. I. B. & Cosme A., (2017). *A experiência de mobilidade de longa duração em alunos do ensino secundário: Contributos para a sua formação cultural e psicossocial*. FPCEUP-Artigo em Livro de Atas de Conferência Internacional. <https://hdl.handle.net/10216/125816>.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. (2ªed) Zahar editores.
- Bento, A. V., Mendes. G. R., & Pacheco, D., (2017). Importância da colaboração entre a escola e a família: um estudo qualitativo. *Revista San Gregorio*, (16) ,94-105.
- Bento, A. V., Mendes. G. R., & Pacheco, D., (2016. 07. 04). *Relação Escola-Família: Participação dos Encarregados de Educação na Escola*. Atas CIAIQ Investigação Qualitativa em Educação. (Vol 1).
- Batista, E. C., Matos, de L. A. L., & A. B. Nascimento. (2017). Entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau*, v.11, (n.3), .23-38.
<https://www.researchgate.net/publication/331008193>
- Barreto, A. (1996), «Três décadas de mudanças sociais», in A. Barreto. *A Situação Social em Portugal, (1960-1995)*. Instituto de Ciências Sociais.
- Bogdan, B. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Castilho, A. T. F., (2019). *Avaliação de escolas do ensino artístico e suas especificidades*. Relatório de estágio no âmbito do mestrado de ciência de educação. [Universidade de Coimbra].
<http://hdl.handle.net/10316/94784>.
- Canário, R., (2007). Escola/ Família/ Comunidade para Uma Sociedade Educativa. In “Escola-Família-Comunidade”: (actas) / Seminário “Escola-Família-Comunidade”; (org.) Conselho Nacional de Educação; dir. Manuel I. Miguéns. - (Seminários e Colóquios).
- Carneiro, P. J. B. S., (2016). *Condições de contratação e estrutura da carreira dos professores do ensino artístico especializado da dança: um estudo comparativo de escolas europeias e americanas*. [Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Administração Escolar]. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10071/11987>.

- Castro, E. (1995). *O Diretor de Turma nas Escolas Portuguesas*. 1ªed. Porto editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para Autoaprendizagem*. 2.ª Ed. Universidade Aberta. http://www.iacervo.com/uab/book_ileio/451919.
- Davies, D. (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e Perspetivas (1ª)* Livros Horizontes.
- Diogo, A. M. (1998). *Famílias e escolaridade: Representações parentais da escolarização, classe social e dinâmica familiar (1ª)*. Colibri.
- Diogo, A. M. (2008). *Investimento das Famílias na Escola: Dinâmicas Familiares e contexto escolar local (1ª)*. Celta editora.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança. Problemas e influências recíprocas. *Gestão E Desenvolvimento*, (9), 81-102. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2000.8>
- Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea (2001). *Da Academia das Ciências de Lisboa*, V. 1 A-F, Verbo.
- Eça, M. T. T. P., (2011). Educação Artística em Portugal- Entre a Tradição e a Rutura. Pós Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. 1 (N.1), 26–36. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15402>
- Ferreira, M. M., (2016). *O papel da Academia de Dança Contemporânea de Setúbal enquanto pioneira na criação do Ensino Vocacional Artístico e Profissionalizante em Portugal*. [Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Estudos da Cultura]. Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/12507>.
- Fernandes, D., Ó, J. R., Ferreira, M. B., Marto, A., Paz, A., Travassos, A., (2007). *Estudo de avaliação do ensino artístico*. [Relatório final]. <http://hdl.handle.net/10451/5501>
- Fernandes, D., Ó, J. R., & Paz, A., (2014). *Da Génese das Tradições e do Elitismo ao Imperativo da Democratização: A Situação do Ensino Artístico Especializado*. Universidade de Lisboa Instituto de Educação. <http://hdl.handle.net/10451/16009>.
- Goulão, M. J., (1989). O Ensino artístico em Portugal: subsídios para a história da Escola Superior de Belas Artes do Porto. *Mundo da Arte*, (3), p. 21- 37.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito – teoria e prática*. Celta Editora.
- Henriques, M. E. de F., (2006). *Os trabalhos de casa na Escola do 1.º Ciclo da Luz: Estudo de caso*. *Interacções*, 2(2). <https://doi.org/10.25755/int.298>.

- Lima, L. & Sá, V. (2002) «A participação dos pais na governação democrática das escolas», in J. A. Lima(org.), *Pais e Professores, um Desafio à Cooperação*, ASA, 25-95. Porto: Edições.
- Leandro, M. E., (2005). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Montandon, C., & Perrenoud, P. (2001). *Entre Pais e Professores, Um Diálogo Impossível? Para uma Análise Sociológica das Interações Entre a Família e a Escola*. Oeiras: Celta.
- Maluf, A. C. R. F., (2010). *Novas modalidades de família na modernidade*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Direito. UCP, São Paulo. 10.11606/T.2.2010.tde-31012011-154418
- Marques, R. (1992). *Colaboração Escola-Famílias: um conceito para melhorar a Educação*. *Revista da escola superior de Beija*. (N.8), <https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducao/article/view/178/187>.
- Marques, R. (1999). *A escola e os Pais. Como colaborar?* Texto Editora.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais* (1ª ed). Editorial Presença.
- Marques, R. (2002). *O Director de Turma e a Relação Educativa* (1ª ed). Editorial Presença.
- Marques, A. S., & Xavier M. (2013), “Criatividade em Dança: Concepções, Métodos e Processos de Composição Coreográfica no Ensino da Dança”, V. 3. *Revista Portuguesa de Educação Artística*. <https://doi.org/10.34639/rpea.v3i1.95>
- Mendel, M., (2006). Lugares para os pais na escola-local de desafios- parcerias conscientes. In Pedro Silva (org) *Escola Famílias e Lares: Um caleidoscópio de olhares* (201-210). Profedições.
- Moreira, M. (2017). *Ensino artístico especializado da música: avaliação da pertinência de uma possível reestruturação*. [Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música]. Instituto Politécnico do Porto: Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10156/1/Marta_Moreira_MEM_2017.pdf
- Picanço, A. L. B., (2012). *A relação entre Escola e Família - As suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. [Mestrado em ciências da educação – supervisão pedagógica]. Escola Superior de Educação João de Deus. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>
- Pereira, F. (2008). *Educação Especial. Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: DGIDC. DSEEAS.
- Reis, M. P.I. F. C. P., (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. [Doutoramento em Educação Infantil e Familiar]. Universidade de Málaga. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/tesis?codigo=21953>

- Silva, P. (1994). *Relação Escola-Família em Portugal: 1974 -1994. Duas Décadas, um Balanço*. In revista *Inovação*, (7) 307-355. <http://hdl.handle.net/10400.8/6923>
- Silva, P. (2003). *Escola-Família: uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder*. Edições Afrontamento.
- Semedo, S. M., (2006). *A participação dos pais e/ou encarregados de educação na escola -Caso Escola Secundária do Palmarejo*. [Licenciatura em Gestão e Planeamento de Educação]. Instituto Superior de Educação. <https://core.ac.uk/download/pdf/38681067.pdf>
- Seabra, T., (2017). Relação das famílias com a escolaridade e sucesso escolar: comparação entre famílias de origem cabo-verdiana, origem indiana e autóctones. (*Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara*, 19, (1), 163-180. <http://hdl.handle.net/10071/13554>
- Sousa, L. (1998). *Crianças (com)fundidas entre a escola e a família. Uma perspetiva sistemática para alunos com necessidades educativas especiais*. Porto Editora, Lda.
- Sousa, M. M. & Sarmiento, T. (2010). Escola – família- comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e Desenvolvimento*, 17-18 (2009-2010),141-156. <http://hdl.handle.net/10400.14/9117>.
- Sousa, M. M. & Sarmiento, T., (2014). A percepção de encarregados de educação e de professores sobre a relação escola-família nas escolas dos 2º e 3º ciclos de um Concelho da região centro de Portugal. *Revista Eletrônica de Educação*, 8(2), 321-344. 10.14244/19827199785.
- Villas-boas, A. (2009). O contributo dos pais e da comunidade na melhoria do desempenho dos alunos. In Concelho Nacional de Educação *Escola/Família/Comunidade: actas de seminário*. (47 – 63). CNE.

Anexos

Anexo A- Carta de pedido para a realização de pesquisa na EADCN



Instituto Universitário de Lisboa-ISCTE

Mestrado em Administração Escolar

Projeto de Dissertação

Discente: Deolinda Carla Hossi

Orientadora: Dra. Sandra Mateus

Caro diretor da Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional-EADCN.

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Administração Escolar do Instituto Universitário de Lisboa -ISCTE.

Estou a preparar a minha dissertação, com o seguinte tema: A relação entre escola e a família nos alunos deslocados: um estudo de caso no ensino artístico; sob a orientação da Dra. Sandra Mateus, professora do mesma Universidade.

Este estudo tem por objetivo conhecer os processos, estratégias e instrumentos utilizados nas relações entre escola e famílias dos alunos deslocados do ensino artístico. Para realizar este estudo, necessito de fazer algumas entrevistas ao diretor da Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional-EADCN.

As respostas são confidenciais, e servem exclusivamente para a realização do estudo acima citado.

A entrevista terá a duração máxima de 45 minutos, serão gravadas e posteriormente destruídas.

Agradeço desde já a sua colaboração e fico à espera da sua resposta.

Este é o meu contacto para combinarmos o dia, a hora e o local da entrevista -923073232

Anexo B – Guião de Entrevista aos pais dos alunos deslocados da EACDN

- ❖ Compreender o processo de seleção e de acolhimento dos alunos deslocados no ensino artístico.

- 1- Porque escolheu colocar o seu/a filho/a a esta escola a apesar dos desafios?
- 2- Como obtiveram informação sobre a EACDN?
- 3- Foi fácil colocar o seu filho na EACDN?
- 4- Pode explicar como foi?
- 5- Como foram os primeiros contactos com a EACDN?
- 6- Considera a especialidade da dança uma boa escolha para o seu/sua filho/a?
- 7- Como tem sido o processo de acolhimento destes alunos?

- ❖ Conhecer e identificar as necessidades dos alunos deslocados do ensino artístico e das suas famílias.

- 1- A quanto tempo tem o seu filho a estudar nesta escola?
- 2- O que sente pelo facto de ter o filho/a, a estudar deslocado?
- 3- O seu/sua filho/a vai regularmente a casa?
- 4- Quais são as necessidades que o seu/sua filho/a encontra ao estudar deslocado?
- 5- O seu/sua filho/a encontra alguma vantagem ao estudar deslocado? Quais?
- 6- Quais são as desvantagens que o seu/sua filho/a encontra ao estudar deslocado?
- 7- Tendo o filho/a, a estudar deslocado, de que forma contribui para o sucesso escolar dele/a?
- 8- Como mãe, quais são as necessidades que têm encontrado?
- 9- A EACDN, tem ajudado a suprir as necessidades dos alunos? De que forma?

- ❖ Identificar os modelos de relação escola-família, e de que forma funcionam nesta escola.

- 1- Como caracteriza a EACDN?
- 2- Que modelo de relação escola família existe na EACDN?
- 3- Como tem sido a experiência com a escola?
- 4- Em que aspetos a escola pode melhorar?
- 5- De que forma é que a EACDN promove a sua participação?
- 6- Como sente que participa na escola?
- 7- A sua participação podia ser maior? Como?
- 8- Considera importante o papel do DT? Porquê?
- 9- Mantem uma comunicação regular com o DT do seu/sua filho/a?
- 10- Quais são os meios que utiliza para se comunicar com a EACDN?

11-Vai sempre a escola quando é convocado/a?

12-Participa na associação de pais?

❖ Analisar as parcerias e os meios institucionais de alojamento desenvolvidos pela Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional, para suprir as necessidades dos alunos deslocados.

1- A escola tem parceria com algumas instituições ou associações para o alojamento dos alunos deslocados?

2- Considera estas parcerias importantes? Porquê?

3-O seu/sua filho/a está numa destas instituições?

4-Recebe algum apoio da Câmara municipal do seu distrito?

5-Estas instituições ou associações tem ajudado a suprir algumas necessidades do seu/sua filho/a?

6-Como tem funcionado a relação entre a EADCN as instituições e as famílias?

7-A pesar da distância o que têm feito para acompanhar mais de perto o desenvolvimento do seu/sua filho/a?

❖ Identificar as vantagens, dificuldades e os desafios que a escola e as famílias dos alunos deslocados encontram na sua relação.

1-Considera importante a participação dos pais na vida da escola? Porquê?

2- Apoia a ideia da participação dos pais na gestão, planificação e tomada de decisão? Porquê?

3-Considera que o sucesso escolar dos filhos depende da colaboração dos pais com a escola?

4- De que forma?

5- Os professores são disponíveis quando necessita falar com eles?

6- Que vantagens existem na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados?

7- Que dificuldades existem na relação entre escola e família?

8- Quais são os desafios que tem encontrado na relação com a escola?

9-Qual seria a melhor forma da escola promover a sua relação com as famílias?

10. Dos temas tratados gostaria de acrescentar algo?

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo C - Guião de Entrevista aos diretores de turma

- ❖ Compreender o processo de seleção e de acolhimento dos alunos deslocados no ensino artístico
 - 1-Quanto tempo é diretor/a de turma?
 - 2-Qual é o papel do diretor de turma na EADCN?
 - 3-Como é o processo de seleção dos alunos na EADCN?
 - 4-Existe alunos provenientes de outros distritos ou países? Quais?
 - 5-As origens dos alunos têm alguma importância nesta seleção? Qual?
 - 6-Tem alguma ideia de quantos alunos deslocados há na escola?
 - 7-Existe alguma idade mínima e máxima para candidatar-se à EADCN?
 - 8-Como tem sido o acolhimento destes alunos?

- ❖ Conhecer as necessidades dos alunos do ensino artístico deslocados e das suas famílias.
 - 1-Como diretor de turma, sente-se intermediário entre a escola e a família?
 - 2-Quais são as necessidades destes alunos?
 - 3- Como são respondidas estas necessidades?
 - 4- Quais são as necessidades destas famílias?
 - 5- Tem um programa de reunião com as famílias destes alunos?
 - 6- Quais são as formas que usa para relacionar-se com estas famílias?
 - 7 -As famílias comparecem regularmente às reuniões?
 - 8- As famílias comparecem quando são convocadas por um motivo extra?
 - 9-Tem disponibilidade para atender as famílias fora dos horários estabelecidos?
 - 10-Pela experiência que tem em lidar com alunos deslocados, quais são as vantagens que estes alunos apresentam?
 - 11- Tem ajudado as famílias a descobrirem formas concretas de participarem da vida escolar dos filhos e das atividades da escola?

- ❖ Identificar os modelos de relação escola-família, e de que forma funcionam nesta escola.
 - 1- Existe algum modelo padrão de relação com as famílias adotados pela EADCN?
 - 2- Como tem sido a relação com as famílias dos alunos deslocados?
 - 3-A relação com as famílias dos alunos deslocados é diferente da relação com a família de outros alunos?
 - 4- A relação entre a escola e a família hoje, é igual a 10 anos atrás?

5- Qual é o maior desafio que a escola encontra na relação com as famílias dos alunos deslocados atualmente? O que se alterou?

❖ Analisar as parcerias e os meios institucionais desenvolvidos pela Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional, para suprir as necessidades dos alunos deslocados.

1-A EADCN, tem parceria com algumas instituições ou associações, para o alojamento dos alunos deslocados?

2- Quanto aos gastos do alojamento é da responsabilidade da escola ou das famílias?

3- Tem algum contacto com estas instituições ou associações?

4- Sente-se intermediários entre estas 3 instituições?

5- Qual é o apoio que tem dado a estes alunos e a estas famílias?

6- Considera esta parceria importante

7- Como funciona a relação entre a EADCN, a residência e as famílias

❖ Identificar as vantagens, dificuldades e os desafios que a escola e as famílias dos alunos deslocados encontram na sua relação.

1-Considera importante a participação dos pais na vida da escola? Porquê?

2- Apoia a ideia da participação dos pais na gestão, planificação e tomada de decisão? Porquê

3- Considera que o sucesso escolar dos filhos, depende da colaboração dos pais com a escola?

4-De que forma?

5- Que vantagens existem na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados?

6- Desta relação quais são as dificuldades que existem?

7- Quias são os desafios que a escola encontra na relação com as famílias dos alunos deslocados?

9- Quais são as soluções que se tem encontrado?

Dos temas tratados quer acrescentar algo?

Obrigada pela sua colaboração.

Anexo D - Guião de Entrevista ao Diretor da EADCN

- ❖ Compreender o processo de seleção e de acolhimento dos alunos deslocados no ensino artístico.
 - 1-Quantos anos é diretor?
 - 2-O que distingue a EADCN de outras escolas de dança?
 - 3- Existe alunos provenientes de outros países? Quais?
 - 4 -Como é feito o processo de seleção?
 - 5 -Quantos alunos deslocados a escola recebe anualmente?
 - 6 -Como é que a escola começou a receber alunos deslocados?
 - 7 -Os alunos que vêm fora do País têm necessidades específicas?
 - 8 -As aulas são lecionadas em Português?
 - 9 -Como fazem no caso dos alunos que não falam português?
 - 10 -Como tem sido o acolhimento para os alunos deslocados?

- ❖ Conhecer as necessidades dos alunos deslocados do ensino artístico e das suas famílias
 - 1- Quais são as necessidades dos alunos deslocados?
 - 2- Como são ajudados a superar estas necessidades?
 - 3- Quais são as necessidades das famílias destes alunos?
 - 4- De que forma a escola ajuda a suprir as suas necessidades?
 - 5- A escola tem facilidade de entrar em contacto com elas? Como?
 - 6- É diferente a relação estabelecida com outras famílias?
 - 7- As famílias têm colaborado nesta relação?
 - 8- O que a escola tem feito para atrair mais estas famílias para a escola?

- ❖ Identificar os modelos de relação escola-família e de que forma funcionam nesta escola.
 - 1-Existe algum modelo padrão de relação com as famílias adotado pela EADCN?
 - 2- Qual é a pessoa que faz a ligação entre a escola e a família?
 - 3-Qual deve ser o seu perfil?
 - 4- Como tem sido a relação com as famílias dos alunos deslocados?

- ❖ Analisar as parcerias e os meios institucionais de alojamento desenvolvidos pela EADCN para suprir as necessidades dos alunos deslocados.
 - 1-A EADCN, tem parcerias com algumas instituições, associações onde ficam alojados os alunos deslocados?
 - 2- Quanto ao alojamento é da responsabilidade da escola ou das famílias?

3- A EADCN tem a associação de pais?

4- O seu funcionamento tem ajudado na aproximação da escola com as famílias e das famílias com a escola?

5- Como tem sido a relação entre a escola e as instituições ou associações e as famílias?

6-A relação entre a escola, família e as instituições tem ajudado no sucesso do aluno?

❖ Identificar as vantagens e os desafios que a escola e as famílias dos alunos deslocados encontram na sua relação.

1- Considera importante a participação dos pais na vida da escola? Porquê

2- Apoia a ideia da participação dos pais na gestão, planificação e tomada de decisão? Porquê

3- Que estratégias são usadas pela EADCN para relacionar-se com as famílias?

4- Que vantagens encontra na relação entre a escola e as famílias dos alunos deslocados?

5- Quais são as dificuldades que existem na relação escola-família?

6-A relação entre a escola e a família hoje, é igual a 10 anos atrás?

7- Qual é o maior desafio que a escola encontra na relação com as famílias dos alunos deslocados atualmente?

8- Quais são as soluções que se tem encontrado?

Gostaria de acrescentar algo sobre os temas abordados

